



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA**  
**DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO - CAMPUS II**  
**COLEGIADO DE PEDAGOGIA**

**MIRIAN OLIVEIRA SANTANA**

**VIOLÊNCIA SIMBÓLICA NO CONTEXTO ESCOLAR: Percepções de  
uma professora e alunos do 5º ano do Ensino Fundamental I na  
cidade de Alagoinhas-BA**

Alagoinhas-BA.  
2025

**MIRIAN OLIVEIRA SANTANA**

**VIOLÊNCIA SIMBÓLICA NO CONTEXTO ESCOLAR: Percepções de  
uma professora e alunos do 5º ano do Ensino Fundamental I na  
cidade de Alagoinhas-BA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
como requisito parcial para a obtenção do grau  
de Licenciada em Pedagogia, na Universidade  
do Estado da Bahia – Campus II.

Orientadora: Profa. Ma. Eliane Brito Silva

Alagoinhas-BA  
2025

**MIRIAN OLIVEIRA SANTANA**

**VIOLÊNCIA SIMBÓLICA NO CONTEXTO ESCOLAR: Percepções de  
uma professora e alunos do 5º ano do Ensino Fundamental I na  
cidade de Alagoinhas-BA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia, na Universidade do Estado da Bahia – Campus II.

**BANCA EXAMINADORA:**

Prof.<sup>a</sup> Ma. Eliane Brito Silva (UNEB)  
Orientadora

Prof.<sup>a</sup> Ma. Anaci Carneiro de Sant'Ana (UNEB)  
Examinador

Prof.<sup>a</sup> Dra. Ana Paula da Silva Conceição (UNEB)  
Examinador

Dedico esta pesquisa a toda comunidade escolar que em algum momento da sua trajetória tenha sofrido qualquer tipo de violência. Que a educação se torne libertadora de todos os paradigmas negativos.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus, pela dádiva da vida, pela sua proteção constante e pelo cuidado que nunca falha. Agradeço por cada obstáculo que me fez mais forte, por cada noite sem dormir que me ensinou a persistir, e por cada decepção que me mostrou que a vitória só é doce após a luta. Reconheço que em cada passo da minha jornada, Deus esteve comigo.

A minha mãe (*in memoriam*), pelo seu legado de resistência, superação, carinho e amor verdadeiro. Ao meu irmão, Moisés Oliveira, agradeço por acreditar em mim e por estar ao meu lado quando mais precisei.

A minha filha cujo carinho e companheirismo foi fundamental para dar a força necessária nos momentos em que me sentia “desconstruída”.

A minha orientadora, Profa. Ma. Eliane Brito Silva, expressei minha profunda gratidão pela orientação sábia e generosa. Seus diálogos e contribuições enriquecedoras foram fundamentais para a realização deste trabalho e para minha formação como pedagoga.

Aos meus professores, cujos ensinamentos, sabedoria e amizade deixaram marcas profundas em minha vida, agradeço de coração. Vocês serão sempre lembrados!

A todas as colegas e a Leandro, que contribuíram direta e indiretamente para a minha formação, meu sincero obrigado. Em especial, gostaria de destacar as colegas Gisleide Mascarenhas e Jéssica Nogueira, cujo incentivo e presença nos momentos difíceis foram inestimáveis.

Por fim, agradeço a mim mesma, por não desistir mesmo diante das adversidades. Cada dificuldade enfrentada foi um degrau para alcançar este momento.

*Assim que você pensar que sabe como são realmente as coisas,  
descubra outra maneira de olhar para elas.*

Robin Williams

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo compreender como a violência simbólica é exercida no contexto da sala de aula. Nesse sentido, buscou-se evidenciar o contexto histórico da violência no processo de ensino e aprendizagem e analisar a concepção de violência simbólica no contexto escolar, observando a relação entre docente e estudantes. A questão norteadora desta pesquisa foi: Como a violência simbólica está inserida no ambiente escolar, na prática docente e no processo de ensino e aprendizagem? Trata-se de uma pesquisa qualitativa, que adota a etnografia e observação participante, questionários e entrevistas como estratégia de coleta de dados. Dialogamos com Paulo Freire (1994, 1996, 2005), Marilena Ristun (2010), Leila Marla Ferreira Salles (2008), Vitor Fonseca (2016), Bernard Charlot (2002), Elis Palma Priotto, Lindomar Wessler Boneti (2009), dentre outros. Os resultados mostraram que os alunos e professora vivenciaram e convivem com situações de violência escolar - física, verbal, simbólica geradas no ambiente escolar e familiar. Além disso, demonstram as estratégias de prevenção, combate e enfrentamento da violência protagonizada pela escola e pela professora.

**Palavras-chave:** Violência escolar; Violência simbólica; Escola; *Bullying*; Educação.

## **ABSTRACT**

The present work aims to understand how symbolic violence is exercised in the classroom context. In this sense, we sought to highlight the historical context of violence in the teaching and learning process and analyze the conception of symbolic violence in the school context, observing the relationship between teachers and students. The guiding question of this research was: How is symbolic violence inserted in the school environment, in teaching practice and in the teaching and learning process? This is a qualitative research, which adopts ethnography and participant observation, questionnaires and interviews as a data collection strategy. We dialogued with Paulo Freire (1994, 1996, 2005), Marilena Ristun (2010), Leila Marla Ferreira Salles (2008), Vitor Fonseca (2016), Bernard Charlot (2002), Elis Palma Priotto, Lindomar Wessler Boneti (2009), among others. The results showed that the students and teacher experienced and live with situations of school violence - physical, verbal, symbolic generated in the school and family environment. Furthermore, they demonstrate strategies for preventing, combating and confronting violence carried out by schools and teachers.

Keywords: School violence; Symbolic violence; School; Bullying; Education.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1 - Estudantes durante atividade.....	42
Imagem 2 - Estudantes durante atividade.....	42
Imagem 3 - Relatos dos estudantes.....	43
Imagem 4 - Relatos dos estudantes.....	45
Imagem 5 - Curta-metragem Maalum.....	46
Imagem 6 - Relatos dos estudantes.....	48
Imagem 7 - Relatos dos estudantes.....	49

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	11
<b>1. A VIOLÊNCIA NO ÂMBITO ESCOLAR</b>	17
<b>2. VIOLÊNCIA SIMBÓLICA NA ESCOLA</b>	20
<b>3. A VIOLÊNCIA ESCOLAR NA ESCOLA MUNICIPAL NAIRIM</b>	26
<b>3.1. EMOÇÕES E SENTIMENTOS NA ESCOLA MUNICIPAL NAIRIM</b>	29
<b>3.2. O <i>BULLYING</i> NA ESCOLA MUNICIPAL NAIRIM</b>	39
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	53
<b>REFERÊNCIAS</b>	56
<b>ANEXOS</b>	
<b>ANEXO A - CARTA DE APRESENTAÇÃO A UNIDADE ESCOLAR</b>	58
<b>ANEXO B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO</b>	59

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho trata-se de um estudo sobre a violência simbólica em ambiente escolar, no processo de ensino e aprendizagem, na perspectiva do professor e alunos dos anos iniciais do ensino fundamental. O estudo foi realizado em uma escola da rede pública municipal da cidade de Alagoinhas, nos meses de maio e junho de 2024. A fim de preservar a identidade dos participantes dessa pesquisa, a escola estudada recebeu um nome fictício de Escola Municipal Nairim.

De acordo com Dayrell (1996) a escola é espaço social próprio ordenado por um conjunto de regras, que buscam unificar e delimitar a ação dos seus sujeitos. Enquanto espaço de relações sociais entre os sujeitos envolvidos, inclui negociações e alianças, tensões e conflitos, transgressão e acordos. As desigualdades sociais oriundas desses processos relacionais estão refletidas nas condições de acesso, permanência, aprendizagem e conclusão dos alunos. Abandono, repetência, evasão, vandalismo, bullying e cyberbullying, depredação são algumas faces dessa escola.

Segundo dados da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), o Brasil apresenta um índice de alta taxa de agressão contra os educadores. A OCDE forma um conjunto de países-membros dedicados ao desenvolvimento econômico e bem-estar global bem como objetiva promover políticas socioeconômicas. O parceiro do OCDE no Brasil é o Ministério da Educação (MEC) que juntos dedicam-se a uma melhor qualidade da educação no país. De acordo com o Censo Escolar da Educação Básica de 2023<sup>1</sup> são 47,3 milhões de alunos matriculados em 178,5 mil escolas, e segundo o Colégio Notarial do Brasil foram mais de 121 mil casos em 2023, registrando 10 mil casos/mês<sup>2</sup>. A “pesquisa do DataSenado revela que quase 7 milhões de estudantes sofreram violência na escola”, e “que as pessoas têm mais medo da violência na escola do que nas ruas – 90% contra 76%”<sup>3</sup>.

Nesse contexto, o Ministério da Educação (MEC) e Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania (MDHC) através do Observatório de Violências nas

---

<sup>1</sup> Disponível em: <<https://www.in.gov.br/web/dou/-/portaria-n-2.165-de-27-de-dezembro-de-2023-534991274>>. Acesso em: 24 nov. 2024.

<sup>2</sup> Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/colunas/carlos-madeiro/2024/01/25/com-10-mil-casos-por-mes-pais-tem-recordede-registros-de-bullying-em-2023.html>>. Acesso em: 24 nov. 2024.

<sup>3</sup> Disponível em [https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2023/07/04/temor-de-violencia-nas-escolas-atinge-90-dos-brasileiros-aponta-datasenado](https://www12.senado.leg.br/radio/1/noticia/2023/07/04/pesquisa-do-datasenado-revela-que-quase-8-milhoes-de-estudantes-sofreram-violencia-na-escola#:~:text=Os%20dados%20revelam%20que%206,60%20milh%C3%B5es%20de%20alunos%20matriculados> . Acesso em: 24 nov. 2024. <<a href=)>. Acesso em: 24 nov. 2024.

Escolas, intenta produzir dados sobre violência nas escolas - ataques de violência extrema, violências no entorno e nos territórios, violências intraescolares, e prevenção e resposta à violência”<sup>4</sup>. Esse cenário permite-nos pensar a complexa relação entre violência e escola. Podemos falar de violência na escola, da escola e contra a escola (RISTUM, 2010; CHARLOT, 2002).

Elis Palma Priotto e Lindomar Wessler Boneti (2009) afirmam que as “características e formas de apresentação de violência são: violência doméstica, política, policial, religiosa, criminal, simbólica, nas ruas, no trânsito, nas escolas, no campo, contra o jovem, a criança, a mulher, o idoso, o portador de necessidades especiais, o afrodescendente, o homossexual, entre outras” (p.162). Ainda, de acordo com Priotto e Boneti (2009) dialogando com Abramovay e Charlot distinguem a violência em verbal, física e simbólica, e agressão física.

O interesse pelo tema surgiu de uma inquietação que soma experiências profissionais, portanto, o trabalho docente, e da formação acadêmica - as atividades de estágio supervisionados presencial em espaços formal e informal, realizados em instituições escolares. Essas experiências possibilitaram um olhar mais atencioso ao processo de desenvolvimento infanto-juvenil, e às relações professor e aluno, professor e escola, aluno e escola. Numa atividade de estágio em uma creche de Educação Infantil, foi possível observar situações de desconforto, choro, medo e ansiedade vividos pelas crianças e práticas coercitivas protagonizados por professores e auxiliares de classe<sup>5</sup>. As discussões na universidade acerca dessas experiências contribuíram para aumentar o interesse sobre essas questões. Interessamos compreender como a violência simbólica está inserida no ambiente escolar, na prática docente e no processo de ensino e aprendizagem? Nessa direção, pretendemos evidenciar o contexto histórico da violência no processo de ensino e aprendizagem, analisar a concepção de violência simbólica no contexto escolar observando a relação entre docente e estudantes, professor e escola, aluno e escola, aluno e conhecimento.

---

<sup>4</sup> Disponível em: <<https://undime.org.br/noticia/19-12-2024-23-12-mec-e-mdhc-produzirao-dados-sobre-violencia-nas-escolas>>. Acesso em: 27 set. 2024.

<sup>5</sup> Através de um contrato da Secretaria de Educação do Município (SEDUC) compus o quadro de funcionários da Creche, que fica situada em um bairro de baixa renda, bem afastada do centro da cidade. A instituição não possuía infraestrutura adequada para alunos com necessidades especiais. Também não havia direção e coordenação, havia três professoras e uma equipe de auxiliares sem formação pedagógica. A creche com capacidade para 50 estudantes do G1 ao G3, recebia alunos de localidades próximas.

Referente à natureza da pesquisa e aos procedimentos de análise dos dados, este trabalho adotou o modelo qualitativo, pois, segundo Marconi e Lakatos (2008, p. 269): “a metodologia qualitativa preocupa-se em analisar e interpretar aspectos mais profundos, descrevendo a complexidade do comportamento humano. Fornece análise mais detalhada sobre as investigações, hábitos, atitudes, tendências de comportamento etc.”. Desse modo, compreende-se que tal abordagem nos permitirá analisar os dados coletados durante a pesquisa e traçar considerações mais aprofundadas acerca da complexidade do problema, visando uma discussão ampla para que se alcance a compreensão de suas particularidades e suas consequências.

Na perspectiva da pesquisa etnográfica enquanto forma de investigação da realidade social, a fonte de coleta de dados está restrita a observação, se constituindo o que se denomina de fontes primárias, uma vez que o pesquisador obtém dados diretamente do ambiente, sem intervenções. Essa abordagem metodológica tem como objetivo central estudar o comportamento e a cultura de grupos sociais, visando extrair informações relevantes e com a finalidade de compreender as opiniões e atitudes no dia a dia de indivíduos ou comunidades, assim, construir conhecimento a partir das evidências encontradas.

Segundo Ataídes, Oliveira e Silva (2021, p. 07 apud López 1999, p. 47), a abordagem etnográfica adere a certas características como o condição naturalista/estudo de campo (realizado no ambiente onde as pessoas interagem e se socializam); envolve múltiplos fatores (realizado por meio da aplicação de duas ou mais metodologias de captação de informações); indutivo (aglomeração descritiva de informações); holístico (visão mais abrangente do coletivo em análise) e livre de juízo de valor - o etnógrafo evita emitir juízos de valor sobre as observações.

Conforme Macedo (2018), fazer pesquisa etnográfica é estudar o seu redor, é muito comum confundir o seu campo de estudo com o seu próprio campo de vida. Por isso, o recolhimento e a catalogação do material recolhido (seja através de imagens, gravações, vídeos, áudios ou fotocópia) são imprescindíveis para estabelecer os parâmetros de comparação e análise da realidade do outro. Os autores fazem referência a uma mesma questão de formas distintas, porém, no que parece haver consenso, todo processo de pesquisa social envolve: planejamento, coleta de dados, análise e interpretação e redação. Optou-se por essa abordagem por ser uma estratégia para entender a cultura e as condutas do grupo. Como abordagem investigativa, possibilitará a observação das dinâmicas de um grupo, visando captar seu modo de vida e suas vivências. No caso específico desta pesquisa, essa técnica

permitirá, investigar a realidade social e entender o comportamento daquele grupo escolar específico.

Esta metodologia exige uma conexão profunda entre o pesquisador e o grupo social que está sendo analisado. É fundamental mergulhar e se aprofundar nos objetos, no campo e nos objetivos da investigação. Além disso, é claro que um amplo levantamento da literatura pertinente ao tema é imprescindível, assim como um foco na análise dos dados.

No entanto, o pesquisador deve permanecer atento a possíveis desvios que possam surgir durante a investigação, pois esses desvios podem revelar sutilezas interessantes que enriquecem o conjunto de dados empíricos. É crucial reconhecer a dualidade inegável de que uma pesquisa busca gerar conhecimento e, nesse processo, necessita ser original, autêntico, criativo e humano. Deste modo, o principal obstáculo para os pesquisadores que realizam etnografia consiste em encontrar um ponto de equilíbrio entre a proximidade com os participantes e a necessidade de distanciamento.

O estudo de caso etnográfico se constitui como uma poderosa ferramenta para a exploração e interpretação de dados, permitindo revelar informações e conhecimentos que podem ser relevantes para a compreensão de fenômenos sociais, culturais, políticos, entre outros. Do mesmo modo, possibilita aprimorar habilidades no olhar, ouvir e escrever, e ir além do óbvio, uma análise mais interpretativa, que busca identificar padrões, relações e mensagens ocultas em certos comportamentos, além de compreender as intenções subjacentes aos discursos presentes no contexto escolar.

As informações coletadas orientam a abordagem teórica a ser seguida nas análises e nos resultados do estudo, e as hipóteses são elaboradas de maneira gradual conforme os dados respondem ou não às indagações feitas pelos pesquisadores juntamente com o pesquisador, em relação ao objeto de investigação (ATAÍDES; OLIVEIRA E SILVA 2021, p. 09 *apud* MATTOS; CASTRO, 2011, p. 37).

A interpretação deve ser fundamentada nas evidências encontradas nos documentos e guiada por critérios objetivos e rigorosos. Dessa forma, é possível obter uma visão mais profunda e contextualizada do comportamento, indo além de interpretações superficiais. Assim, ao examinar e interpretar os dados, podemos perceber detalhes da produção de sentido, que se dão contextualmente, a depender dos valores que circulam em ambientes específicos de interação. Para Macedo (2018, p. 40), “essa visão resulta do acolhimento do sujeito como fonte ineliminável de

conhecimento, com todas as suas implicações técnicas, profissionais, existenciais, culturais, éticas, estéticas e desiderativas”.

A pesquisa etnográfica proporciona ao pesquisador mergulhar no ambiente sociocultural de seus participantes, compreendendo seus valores, atitudes, crenças e percepções sobre o mundo, permitindo ao pesquisador um equilíbrio entre uma interpretação criativa e a manutenção dos limites da interpretação. Por meio de técnicas de análise qualitativa, é possível explorar as múltiplas camadas de significado presentes na realidade estudada. Entretanto, segundo Ataídes, Oliveira e Silva (2021) a pesquisa etnográfica não é uma forma de investigação simples de conduzir; demanda um trabalho intenso, para o qual o pesquisador precisa estar devidamente preparado.

Portanto, a descrição desempenha um papel fundamental no estudo etnográfico. Por isso, ao fazer a transcrição dos dados, o pesquisador precisa se empenhar em retratar, com base nos elementos mais significativos para o grupo envolvido no estudo, os ambientes, os indivíduos, as experiências observadas e vividas, bem como as atitudes cotidianas das pessoas, suas falas e as narrativas obtidas por meio de diferentes ferramentas utilizadas pelo pesquisador, sempre respeitando os princípios éticos da pesquisa.

Dentre as diversas estratégias de pesquisas que podem ser desenvolvidas a partir do método qualitativo optamos, neste trabalho, pelo estudo etnográfico, utilizando três ferramentas para essa obtenção e/ou elaboração de informações: diário de campo, que registrará as observações realizadas no local e as impressões obtidas por meio da observação participante, questionário e entrevista com a professora e os estudantes a respeito dos elementos relevantes para o estudo.

O estudo foi realizado numa turma do 5º ano do Ensino Fundamental I. Consideramos que os alunos nesse nível de ensino e ano escolar teria condições de responder e participar das atividades propostas. Realizamos inicialmente atividade de observação na sala de aula, acompanhando a rotina escolar e o trabalho docente da professora registrados no diário de campo. Definimos que trabalharíamos com a entrevista semiestruturada, mas não foi possível, dada as condições da pesquisa e preocupação com o tempo, considerando nossos prazos. Com isso, convertemos a entrevista semiestruturada em questionário, que foi apresentado à professora, regente de classe. Após aplicação do questionário à docente e atividades desenvolvidas com os alunos – rodas de conversas, precedidas da audição de músicas e exibição de vídeos curta-metragem. Durante a pesquisa, todos os horários foram combinados com

a professora – observação, entrevistas e atividades desenvolvidas com a turma. Chegamos a entrevistar posteriormente, os alunos que não puderam participar das atividades previstas, e a também a professora, para responder algumas questões da pesquisa, que permaneciam abertas, sem respostas. Durante a pesquisa pudemos contar com a disposição, participação e colaboração entusiasmada dos alunos e da professora. O trabalho está dividido assim: Introdução em que são apresentados o objeto, objetivos, metodologia e importância da pesquisa no contexto escolar-acadêmico. Depois, breve discussão sobre a violência no contexto escolar e violência simbólica na escola. Em seguida, discussão sobre a violência escolar na escola investigada abordando as questões e problemáticas relativas à violência simbólica, e por fim, as Considerações Finais, quando reflito sobre os resultados da pesquisa, destacando que a formação inicial e continuada deve se (pre)ocupar com o debate sobre a violência escolar e simbólica no contexto de sala de aula da universidade e escolas, no processo de formação dos professores da educação básica.

## 1. A VIOLÊNCIA NO ÂMBITO ESCOLAR

O termo violência é de origem latina, *violentia*, e diz respeito a ação de violação e impetuosidade, ou seja, desrespeito por uma norma ou regra<sup>6</sup>. A Organização Mundial da Saúde (OMS) define a violência como o uso de força física ou poder, em ameaça ou na prática, contra si próprio, outra pessoa ou contra um grupo que resulte ou que possa resultar em sofrimento, morte, dano psicológico, desenvolvimento prejudicado ou privação (DAHLBERG; KRUG, 2007)<sup>7</sup>. Segundo Silva e Salles (2010, p. 229):

A violência dos estudantes não pode ser compreendida plenamente a não ser que a situemos em seu contexto social e cultural. Caso contrário, a violência escolar parece não ser mais que um problema individual, uma carência de habilidades sociais de alguns indivíduos ou quando muito causada pelo fato de o jovem pertencer a uma família desestruturada.

Complementando o que dispõe Silva e Salles (2010), Castro, Cunha e Souza (2011, p.1055), afirma que muitas vezes o comportamento agressivo do estudante, advém de pais que possuem relacionamentos insatisfatório, ou lares cujo convívio familiar pode favorecer riscos a criança. O convívio familiar interfere direta e indiretamente no desenvolvimento psicológico do estudante, influencia seu estado emocional e nas relações interpessoais dentro e fora do convívio familiar. Podemos notar isso em muitas falas, reproduzidas pelos alunos da Escola Municipal Nairim. A estudante F diz que *“Quem ofende não sabe a realidade que o outro passa em casa.”* Nesse sentido LB narra: *“Em minha casa moram eu minha mãe e meu padrasto. Meu padrasto falou palavras que me magoaram e me magoam até hoje. Ele disse que eu era “uma cobra”, “cabrunca” e “peste” e o pior foi que minha mãe não me defendeu eu cheguei na escola muito triste e ninguém sabia que eu tinha passado por isso em casa”*. (Observação 06/05/2024)

Ainda segundo Salles *et al* (2008) a indiferença, segregação e exclusão

---

<sup>6</sup> Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/violencia/>>. Acesso em: 27 set. 2024.

<sup>7</sup> Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/csc/a/jGnr6ZsLtwkhvdkrdfhpcdw/?format=pdf&lang=pt#:~:text=Defini%C3%A7%C3%A3o%20de%20viol%C3%Aancia&text=A%20Organiza%C3%A7%C3%A3o%20Mundial%20da%20Sa%C3%BAde,psicol%C3%B3gico%2C%20desenvolvimento%20prejudicado%20ou%20priva%C3%A7%C3%A3o>>. Acesso em: 7 set. 2024.

presente no cotidiano escolar são manifestações de violência. De acordo com os professores a violência tem aumentado significativamente. Os docentes assinalam que são mais frequentes as agressões e ameaças verbais entre estudantes, dirigidas aos funcionários das instituições escolares.

Entre os principais fatores que explicam esse contexto de violência podemos mencionar a insuficiência de recursos destinados às escolas, a precariedade das instalações escolares, a carência de segurança pública, a ocorrência de bullying e cyberbullying, o consumo de substâncias ilícitas, o impacto da mídia e a falta de princípios éticos e morais. A escassez de recursos na área educacional é uma das razões fundamentais para a violência nas instituições de ensino, uma vez que resulta na carência de investimentos para aprimorar a infraestrutura escolar e na formação dos educadores. Essa situação pode criar um ambiente desmotivador e desrespeitoso, levando a comportamentos violentos.

É importante destacar também que a disparidade social contribui para a violência nas instituições de ensino, pois a ausência de oportunidades e o acesso limitado a uma educação de qualidade podem provocar um sentimento de indignação e marginalização. Isso pode levar os alunos a adotarem atitudes hostis e a procurarem maneiras de se sobressair, frequentemente utilizando a violência como recurso.

Salles *et al* (2008) evidencia que a violência tem como característica um modo específico de construir relações sociais que para se manterem ou serem alteradas é necessária uma ameaça explícita ou latente. Os autores afirmam ainda que atitudes agressivas envolvem comportamentos hostis, de desdém, menosprezo e danos à integridade psicológica, social, física ou patrimonial.

De acordo com Charlot (2002) podemos pensar a violência como violência à escola, violência na escola e violência da escola. As duas primeiras tratam da violência cometida pelos estudantes e a terceira se refere à violência praticada pela instituição. Segundo o autor “a violência na escola é aquela que se produz dentro do espaço escolar, sem estar ligada à natureza e às atividades da instituição escolar” (2002, p. 434).

Ainda de acordo com o autor, a violência na escola e violência à escola se somam à violência da escola, isto é, a “violência institucional, simbólica, que se expressa pela maneira como a instituição e seus agentes tratam os jovens” (CHARLOT, 2002, p. 434). No campo escolar as relações pedagógicas, as metodologias e os conteúdos constituem uma violência simbólica exercida sobre os estudantes.

Silva, Medeiros e Bomfim (2015) refletem sobre a colonialidade do poder e práticas violentas que prevalecem nas escolas como resultado dos processos de colonização impostos à sociedade brasileira. Ainda de acordo com as autoras, a escola brasileira traz consigo a herança do passado colonial, que impõe uma cultura e o conhecimento trazidos pelos europeus.

O processo de colonização eurocêntrica expropriou os povos originários não apenas de seu lugar como território, mas significou a implantação de uma concepção de educação como negação de sua matriz identitária, cultural e epistêmica. Esse conhecimento monocultural, colonial e eurocêntrico expresso pelo projeto de modernidade, assenta-se na reprodução do conhecimento, no isolamento da escola, na dualidade teoria e prática, na educação como mercadoria (SILVA, MEDEIROS e BOMFIM, 2015, p. 164)

Segundo Paulo Freire (2005) a invasão cultural sofrida por esses povos teve como consequência a invisibilização da cultura popular através da imposição de uma cultura eurocêntrica considerada como legítima. Isso serviu para apagar registros e memórias de culturas já existentes, inferiorizando os saberes e instituindo uma cultura das classes dominantes. Paulo Freire afirma que

Na medida em que os invadidos vão reconhecendo-se “inferiores” necessariamente irão reconhecendo a “superioridade” dos invasores. Os valores destes passam a ser a pauta dos invadidos. Quanto mais se aceita a invasão, alienado o ser da cultura e do ser indivíduo, mais estes quererão parecer com aqueles: andar como aqueles, vestir à sua maneira, falar a seu modo. (FREIRE, 2005, p. 175)

Nessa perspectiva, constitui tarefa essencial a descolonização do poder e do saber, portanto da escola. O que significa romper com a ordem reprodutora das violências cultural, física e simbólica, estruturadas pelo colonialismo, reproduzidas tanto no ambiente escolar quanto no seu entorno, tendo em vista que a escola é parte da comunidade social” (SILVA, MEDEIROS, BOMFIM, 2015, p. 168).

## 2. VIOLÊNCIA SIMBÓLICA NA ESCOLA

Não é desconhecido a temática da violência na escola, e que a sociedade constitui um campo espaço de dominação e reprodução dissimulada das desigualdades sociais nas instituições, evidenciando uma “violência simbólica presente em vários níveis, dentre eles, ao que se exerce sobre os alunos de classes populares, pouco adaptados a uma escola não construída para eles” (RISTUM, 2010, p. 73)

As formas de dominação exercidas pela violência simbólica trazem uma dualidade em sua forma silenciosa de coexistir, pois em diversas ocasiões os professores são alvos e autores desse tipo de violência. De um lado os docentes sofrem a violência simbólica através dos seus superiores hierarquicamente, por meio das solicitações de cumprimento de horário, prazos, formulários e demais demandas e etc., e de outro os docentes são autores da violência simbólica para com o aluno, seja em suas avaliações, na imposição de atividades dentro e fora da escola, comemorações e até mesmo na imposição e aprisionamento dos corpos dos alunos, com a imposição por exemplo do sentar, andar em filas e até mesmo o pedido de silenciar a oratória.

Ainda, é interessante destacar o lugar ocupado pelo educador, que convive proletarização e desvalorização social da profissão o que promove uma baixa autoestima na rotina docente, desencadeando na falta de esperança e estímulo com a sua prática e ao fim, uma deterioração do trabalho em sala de aula, gerando frustração, desestímulo e falta de perspectiva nos educandos, e que por consequência gera uma insatisfação dos pais/responsáveis, propiciando a divergências entre a comunidade escolar e a família, estabelecendo assim um ciclo de conflitos que afeta gravemente a educação das crianças e adolescentes de um futuro próximo. Nesse processo Ristum (2010, p. 69) diz que:

[...] a expectativa de que a sociedade brasileira reconheça a importância do papel da educação formal na construção do país, com a consequente valorização do magistério, passando, necessariamente, pela questão salarial, pela questão da formação e pela questão das condições de trabalho.

Dessa forma, o poder público também detém responsabilidade nesse aspecto, em todas as suas esferas. Para Ristum (2010, p. 70) “as políticas públicas desenvolvidas ao longo de vários anos, no Brasil, acabaram sucateando as escolas

e promovendo uma crescente desvalorização social do professor, aliada ao seu empobrecimento marcante, com reflexos profundos em sua autoestima".

No contexto escolar, muitos alunos podem ser expostos a comportamentos agressivos, humilhantes ou *bullying*. A forma como essas ações são interpretadas e processadas pelos estudantes pode ter um impacto significativo em seu bem-estar emocional e em sua capacidade de aprendizado. Alunos que interpretam erroneamente as intenções dos agressores podem reagir de maneira inadequada, desenvolvendo sentimentos de raiva, tristeza, medo ou vergonha, por isso, é importante projetos e programa de combate e enfrentamento à violência no ambiente escolar. É importante identificar os fatores de risco e de proteção presentes em cada nível de ensino e promover mudanças em todo o sistema escolar para prevenir e combater a violência.

Ao ensinar aos alunos como interpretar adequadamente as intenções dos outros, podemos ajudá-los a reconhecer sinais de agressão e a lidar de forma mais eficaz com situações desafiadoras. Além disso, promover a empatia e a consciência emocional pode criar um ambiente escolar mais inclusivo, onde os alunos sejam mais capazes de compreender e apoiar uns aos outros. É importante ressaltar que a prevenção da violência psicológica não se limita apenas à responsabilidade dos alunos. Professores e demais membros da equipe e comunidade escolar também desempenham um papel fundamental nesse processo. Eles podem fornecer orientação, promover a conscientização e intervir quando necessário para garantir que o ambiente escolar seja seguro e saudável para todos os alunos.

Nessa direção, é importante conhecer as experiências e histórias de vida dos alunos. Alguns alunos podem ser mais propensos a se envolverem em comportamentos agressivos ou a serem alvos de violência psicológica, devido a fatores como baixa autoestima, dificuldades de relacionamento ou exposição prévia a situações de violência. Identificar esses fatores de risco e vulnerabilidade é fundamental para direcionar intervenções e oferecer o apoio necessário aos alunos em situações vulneráveis.

No nível das relações interpessoais, é importante considerar e analisar as interações entre os alunos, professores, funcionários e demais membros da comunidade escolar. Essas interações desempenham um papel crucial na promoção de um clima escolar seguro e saudável. Relacionamentos positivos, baseados em empatia, respeito e apoio mútuo, podem criar um ambiente propício

para prevenir a violência psicológica. Por outro lado, dinâmicas negativas, como o *bullying* e a exclusão social, podem contribuir para sua ocorrência.

Além disso, é preciso prestar atenção nas interações entre grupos dentro do ambiente escolar. Grupos de pares, turmas e até mesmo toda a comunidade escolar influenciam as dinâmicas de poder e as normas sociais que podem favorecer ou inibir a violência psicológica. É importante criar estruturas e programas que promovam a cooperação, à diversidade e o respeito mútuo entre os grupos, para construir um ambiente inclusivo e seguro. Por fim, destacamos a importância das influências socioculturais no ambiente escolar. Normas sociais mais amplas, como atitudes em relação à violência, discriminação e desigualdade de gênero, podem afetar as interações no contexto escolar. Portanto, é necessário abordar essas influências e promover uma cultura escolar que valorize a igualdade, a diversidade e o respeito pelos direitos de todos os indivíduos.

Para prevenir e combater a violência psicológica e simbólica, é importante a implementação de intervenções em múltiplos níveis. Isso envolve a criação de políticas escolares claras contra a violência, a promoção de programas de desenvolvimento socioemocional, a capacitação de professores e funcionários para lidar com situações de violência, além da conscientização e envolvimento da comunidade escolar como um todo.

Também é possível observar comportamentos agressivos e violentos aprendidos por meio da observação e da imitação de modelos. No contexto escolar, isso significa que os alunos podem aprender comportamentos de violência psicológica ao observarem seus pares ou até mesmo seus professores. Nesse contexto, é importante promover modelos positivos de comportamento e ensinar habilidades de resolução pacífica de conflitos para prevenir a violência psicológica. As pessoas não apenas aprendem por meio de reforço direto, mas também por meio da observação do comportamento dos outros e das consequências que esse comportamento traz. Os alunos podem imitar o comportamento agressivo ou violento de modelos que eles consideram como referência, seja por identificação com esses modelos ou por acreditarem que esse tipo de comportamento é eficaz para alcançar objetivos.

No contexto escolar, os alunos estão expostos a diversos modelos, como colegas de classe, amigos, professores e até mesmo personagens de mídia. Se eles testemunham comportamentos agressivos ou violentos sendo recompensados ou não sofrendo consequências negativas, podem ser mais propensos a imitá-los.

Isso inclui comportamentos de violência psicológica, como insultos, humilhação, exclusão social e intimidação.

A violência psicológica e simbólica tem efeitos a curto prazo significativos no desempenho escolar/acadêmico e no bem-estar emocional dos estudantes. Esses efeitos podem se manifestar de diversas formas e prejudicar o desenvolvimento saudável dos alunos. De acordo com Santos (2021), um dos efeitos imediatos da violência psicológica é o desinteresse pelo processo de aprendizagem. Os estudantes que são alvos desse tipo de violência podem perder a motivação e o entusiasmo pela escola. Eles podem se sentir desencorajados a participar das aulas, contribuir com suas ideias e expressar suas opiniões, temendo retaliações ou ridicularização. Isso resulta em um desengajamento do ambiente escolar, refletindo em um baixo interesse pelas atividades escolares.

Outro efeito desse fenômeno é o baixo desempenho escolar. O estresse e a ansiedade causados por essa forma de violência podem interferir nas habilidades cognitivas dos estudantes, prejudicando sua capacidade de concentração, memória e raciocínio. A constante preocupação com os ataques verbais ou emocionais dificulta a absorção de conteúdo e a participação nas atividades escolares (ROSA, 2010). Isso resulta em notas baixas, queda no rendimento acadêmico e possíveis dificuldades de aprendizagem.

Os problemas emocionais também são uma consequência imediata da violência psicológica. Os estudantes que sofrem com esse tipo de violência podem experimentar sentimentos intensos de tristeza, raiva, vergonha e ansiedade. A exposição contínua a comportamentos destrutivos pode abalar sua estabilidade emocional, levando ao desenvolvimento de problemas de saúde mental. Esses problemas emocionais podem interferir na capacidade dos estudantes de lidar com as demandas diárias da escola, levando a um ciclo negativo de estresse e dificuldades emocionais (ROSA, 2010).

Além disso, a violência psicológica pode levar ao isolamento social e à diminuição da autoestima. Os estudantes que sofrem com esse tipo de violência podem evitar interações sociais, temendo o julgamento e a rejeição. Eles podem se sentir inadequados e sem valor, o que afeta negativamente sua autoimagem. O isolamento social dificulta a construção de relacionamentos saudáveis e a participação em atividades extracurriculares, privando os estudantes de experiências enriquecedoras e de apoio emocional.

Além disso, também pode ter efeitos a longo prazo significativos, afetando

não apenas o período escolar, mas também a vida adulta dos indivíduos. Esses efeitos podem se estender por anos e até mesmo ao longo de toda a vida, deixando um impacto duradouro nas vítimas.

Uma das consequências a longo prazo da violência psicológica é a dificuldade de estabelecer relacionamentos saudáveis. Os estudantes que foram expostos a comportamentos agressivos e humilhantes podem desenvolver uma desconfiança generalizada em relação aos outros, tornando-se relutantes em se envolver emocionalmente. Essa falta de confiança pode levar a dificuldades interpessoais, tornando difícil para as vítimas estabelecerem relacionamentos íntimos, duradouros e saudáveis. Isso pode afetar negativamente suas vidas pessoais e profissionais no futuro.

Além disso, a violência psicológica pode contribuir para o desenvolvimento de problemas de saúde mental a longo prazo. O impacto negativo das experiências de violência psicológica pode levar ao desenvolvimento de transtornos de ansiedade, depressão, transtorno de estresse pós-traumático e outros problemas de saúde mental. Os estudantes que sofrem com a violência psicológica têm um risco aumentado de enfrentar dificuldades emocionais ao longo de suas vidas, afetando seu bem-estar geral e sua qualidade de vida.

A exposição contínua à violência psicológica também pode levar a uma internalização das mensagens negativas recebidas. As vítimas podem começar a acreditar nas palavras e ações prejudiciais dirigidas a elas, resultando em uma baixa autoestima e uma visão distorcida de si mesmas. Essa internalização pode perpetuar sentimentos de inadequação e autodepreciação, afetando a confiança e a autoconfiança das vítimas ao longo do tempo.

Outro efeito a longo prazo da violência psicológica é o risco aumentado de comportamentos autodestrutivos. As vítimas podem recorrer a mecanismos de enfrentamento prejudiciais, como o abuso de substâncias, comportamentos de automutilação ou até mesmo o suicídio, como uma tentativa de lidar com a dor emocional causada pela violência psicológica. Esses comportamentos podem ter consequências graves para a saúde física e emocional das vítimas.

É importante reconhecer e abordar os efeitos a longo prazo da violência psicológica, pois essas consequências podem persistir por muitos anos e ter um impacto significativo na vida das vítimas. A prevenção da violência psicológica e a implementação de estratégias de apoio e intervenção são fundamentais para ajudar as vítimas a superarem esses efeitos negativos e construir uma vida

saudável e feliz.

Na próxima seção, traremos uma abordagem acerca da violência simbólica dentro de uma unidade escolar pública do município de Alagoinhas, onde será possível compreender o que foi posto nesta seção no seu diálogo com a prática.

### 3. A VIOLÊNCIA ESCOLAR NA ESCOLA MUNICIPAL NAIRIM

A pesquisa de campo foi realizada em uma escola da rede pública municipal de Alagoinhas, pertencente à zona rural. A fim de preservar a identidade dos participantes dessa pesquisa, a escola estudada recebeu um nome fictício de Escola Municipal Nairim, doravante EMN. A escola atende crianças das séries iniciais do Ensino Fundamental.

A escola tem sua história ligada a um senhor, que amava a comunidade e entendia o valor da educação na formação do cidadão, bem como se preocupava com a educação das crianças, jovens e adultos de seu bairro.

O quadro da gestão escolar é composto pela diretora, vice-diretora, coordenadora, uma equipe de apoio na secretaria, no serviço geral, serventes, cozinheiras e auxiliares de classe, além do seu comitê profissional constituído por profissionais da educação que colaboram para que esse projeto se realize. A estrutura física se divide da seguinte forma: 5 salas de aula; 1 sala da diretoria; 1 cozinha; 1 biblioteca (construção em andamento); 1 banheiro para alunos; 1 banheiro para professores; 1 despensa; 1 pátio coberto e 1 área de lazer.

As áreas da Educação Infantil, Ensino Fundamental I e Educação de Jovens e Adultos (EJA) são respaldadas pelas Leis de Diretrizes e Bases (LDB 9.394/96), pela Constituição Federal Brasileira, bem como pelo Estatuto da Criança e Adolescente (ECA). Os estudantes são atendidos nos turnos matutino, vespertino e noturno<sup>8</sup>. A faixa etária do público atendido abarca dos 04 aos 60 anos de idade. As condições prioritárias da escola são a aprendizagem, a confiança e o respeito.

A escola apresenta uma proposta pedagógica pautada no pressuposto de que o conhecimento se constrói a partir de reflexões coletivas e que as relações de aprendizagem possibilitam transmutar papéis no ato de ensinar e aprender. O Projeto Político Pedagógico, doravante PPP<sup>9</sup> da escola é alicerçado em três pilares: os “Princípios, as Dimensões e a Estrutura”.

Nos “Princípios” estão a defesa da participação ativa, da gestão democrática, da autonomia e do trabalho coletivo. Na “Dimensão”, a ênfase recai na ação educativa, de modo a trabalhar a escola como um todo, priorizando

---

<sup>8</sup> 7h30 às 11h30, das 13h às 16h30 e 18:30h às 21:00h.

<sup>9</sup> O documento não constará na lista de referências para manter a preservação da identidade da escola.

principalmente o processo ensino-aprendizagem. O projeto define como base a igualdade, a qualidade, a gestão democrática, a liberdade e a valorização. Na “Estrutura” constitui ações para uma formação cidadã. Na sua dimensão ele busca um ambiente educativo, práticas pedagógicas, avaliação, formação e condições de trabalho dos profissionais bem como do seu espaço físico, do acesso, permanência e sucesso nesse espaço escolar. Além da escola ser um ambiente de formação e socialização que favorecem reflexões críticas, busca a superação de preconceitos e combate às atitudes discriminatórias.

A escola constitui um espaço de convivência formado por crianças e jovens de origens e níveis socioeconômicos diferentes, com costumes, dogmas religiosos e visões de mundo que aumentam a diversidade presente nesse local. A instituição atua e defende gestão democrática, autônoma e participativa, o que possibilita diversas parcerias no desenvolvimento de programas e projetos escolares/educacionais.

Segundo o PPP da escola:

O Ensino Fundamental é uma etapa obrigatória da educação básica, devendo possibilitar o acesso ao conhecimento e aos demais elementos identitários essenciais para a vida em sociedade do educando, propiciando o desenvolvimento de atitudes, valores e saberes que afiancem uma mínima formação na esfera pessoal, social e política. (2022, p. 50)

Neste contexto, a gestão da EMN destaca o Programa Educacional de Prevenção ao Uso de Drogas e à Violência - PROERD<sup>10</sup>, parceria realizada desde 2017 proposto pela Polícia Militar em parceria com a Secretária de Educação de Alagoins (SEDUC). Ele escolhe em qual instituição eles irão trabalhar por determinado período em parceria Polícia Militar trabalha e a comunidade, trazendo em pauta diversos assuntos tais como *bullying*, agressão física, abuso sexual, violência familiar etc., além da temática principal sobre o combate às drogas<sup>11</sup>.

O Programa Educacional de Prevenção ao Uso de Drogas e à Violência é uma iniciativa da PMMS voltada para evitar o consumo e abuso de substâncias químicas e ações violentas no contexto escolar e em comunidades, originário nos Estados Unidos, atua em 70 países. Na Bahia, o programa atua desde 1998. No PPP não há

---

<sup>10</sup> Disponível em: <<https://ssp.ba.gov.br/programas/proerd/>>. Acesso em: 24 set. 2024.

<sup>11</sup> Na escola, ele acontece no período de 1h, todas as terças-feiras e atinge um público de crianças dos 9 aos 12 anos de idade.

referência do PROERD. Embora, reconheça a importância do programa prevenção às drogas e à violência no espaço escolar, é importante ressaltar que todas parcerias, que envolve desenvolvimento de projetos e programas entre as instituições escolares e não-escolares precisam ser debatida no interior e exterior da escola, portanto, com toda a comunidade.

A rotina escolar inicia com a chegada à escola. Na EMN os alunos ficam do lado de fora da escola, desamparados, sem segurança, aguardando a abertura dos portões tanto em dias ensolarados quanto chuvosos.

Já no interior da escola, cada criança busca a fila destinada a sua turma e seu lugar atrás do colega, onde os mais velhos sempre ficando atrás dos mais novos. Observamos que a fila ainda é um recurso disciplinar, determina a posição de cada indivíduo. Desse modo, a fila organiza distinguindo gênero, tamanho e comportamentos.

### 3.1. EMOÇÕES E SENTIMENTOS NA ESCOLA MUNICIPAL NAIRIM

Em poucas palavras na sala de aula da EMN encontramos uma configuração bastante tradicional. Cadeiras em fila, uma atrás da outra, um espaço na frente reservado para a professora, uma janela de vidro transparente ao fundo, dois armários para guardar os materiais, um quadro branco a frente, paredes com uma parte pintada e a outra azulejada, com cartazes colados contendo o abecedário e os numerais e dois ventiladores barulhentos. A organização facilita o controle e a disciplina. O professor controla a turma e a direção escolar controla toda a comunidade escolar.

Esta turma é composta por 14 estudantes, sendo que somente 13 frequentam as aulas. Os estudantes tinham entre 10 e 13 anos, sendo 8 meninos e 6 meninas. São crianças em maior parte provenientes de famílias de baixa renda, residentes em áreas vulneráveis, cuja renda da maioria das pessoas na comunidade é gerada pela agricultura familiar, por trabalhos informais como a coleta de materiais recicláveis, vendedores ambulantes e renda proveniente de programa social.

Na sala de aulas, o planejamento ocorre seguindo os seguintes passos: a professora explicava os assuntos, passava atividades e os estudantes executavam de maneira ordenada. Notamos um relacionamento dialógico entre a professora e alunos.

Destaca-se ainda, que apesar de barulhenta e agitada, a turma era participativa e atenta à fala da professora. Mas, o silêncio não é uma característica desta turma. O ambiente escolar, para além do processo de ensino/aprendizagem, deve ser um espaço de acolhimento e escuta, no qual o estudante sinta-se incluído e confiante, onde se possa acessar o saber e a cultura, cultivar o aprendizado, promover a reflexão crítica, estimular o desenvolvimento integral, vivenciar a ludicidade, desfrutar da felicidade, ampliar as oportunidades, fomentar a construção do cidadão, para que possa se desenvolver enquanto sujeito conhecedor de seus direitos e deveres. Além disso, um ambiente acolhedor o faz sentir participante de um coletivo, o que possibilita a construção de um sujeito empático.

A escola pode ser um ambiente propício para reforçar essa atitude. Silva, Medeiros e Bomfim (2015) sugerem colocar o professor como parte integrante nesse processo, tendo o compromisso com o aluno, formando/tornando-o um sujeito participativo na sociedade. A convivência no espaço escolar precisa ser um referencial positivo para esse aluno, e oportunizar autoconhecimento.

Nesse sentido, a professora K. apresenta ser uma profissional bem-preparada, utilizando uma linguagem compatível com a faixa etária dos estudantes. As suas aulas

iniciam com uma acolhida com temas necessários, importantes à formação, tais como “*bullying, confiança, solidariedade, escolhas, respeito, paciência, decepções, sonhos, o que cada um deseja ser no futuro, reconhecimento, amor-próprio, conquistas, valorização do eu e do outro.*” Conforme afirma Freire (2005, p. 86): “[...] educadores e educandos se fazem sujeitos do seu processo”. Deste modo, a relação entre educador e educando deve ser um constante momento de harmonia, para que haja conhecimento e aprendizagem.

Para que o indivíduo se sinta incluso, respeitado e participe ativamente do processo educacional, é necessário que a sua voz seja ouvida, que o estudante seja capaz de expor os seus pensamentos, sentimentos, questionamentos, críticas, desabaços etc. Nesse contexto, observamos que a professora buscava respeitar cada aluno, criando oportunidades para que cada um pudesse se manifestar. Nesse processo, observamos que a turma/os estudantes apresentavam certa maturidade, podendo ser resultado do ambiente de respeito construído pela professora K, onde os alunos se sentem seguros para se expressar livremente. Os temas abordados pela professora K na sala de aula também são os temas da presente pesquisa, o que me fez pensar: *será que a minha temática a tocou o suficiente para que ela se interessasse em trazer para a aula?*

Os diálogos revelaram que a experiência de vida escolar da professora K, marcada pela discriminação, constrangimento e autoritarismo, foram transformados numa preocupação constante, motivando o trabalho temas como bullying, violência e racismo com os seus alunos. Segundo a professora K, o objetivo era tratar dessas temáticas, empenhando-se na construção de um ambiente de respeito e escuta, para que histórias como a dela não se repitam. A professora K quando indagada sobre o motivo de trabalhar com os temas acima citados, respondeu: *“Eu necessitava conhecer a turma pois sou novata aqui na escola e também é a primeira vez que trabalho com a turma de 5º ano”*. A docente relata que é costume tratar de temas que tem relevância com a propósito de conhecê-los melhor.

Partindo desse cenário foram estruturadas atividades para serem desenvolvidas com os alunos. O planejamento incluiu audição de música, “Trem Bala”, de Ana Vilela<sup>12</sup>, e “Deserto”, de Maria Marçal (a pedido dos alunos), a leitura do livro

---

<sup>12</sup> No dia em que apliquei a atividade com a turma, faltaram duas alunas, porém a maioria dos alunos se faziam presentes, alguns perguntaram, curiosos, se seria eu quem daria aula naquele dia. Informei o que havia ocorrido com a professora regente e perguntei se eles se importavam que eu ministrasse a aula.

*Tenho mais monstros na barriga*<sup>13</sup>, de Tonia Casarin<sup>14</sup>, a exibição dos vídeos – “*Como o bullying afeta sua Inteligência e sua vida Estudantil*”, do Canal Diamanticamente, e “*Meu Nome é Maalum*”, escrito pela psicóloga e contadora de histórias Magna Domingues e pelo produtor Eduardo Lurnel.

Segundo Tonia Casarin (2017), o objetivo dessa obra é ajudar o aluno a reconhecer e nomear suas emoções pois quando a criança compreende seus próprios sentimentos e o sentimento do outro, encontrar estratégias para lidar com suas emoções, desenvolvendo empatia, resolvendo seus conflitos e expressando os mesmos da forma como sente, desenvolvendo o autoconhecimento. A obra possibilita a discussão sobre a violência dentro e fora do ambiente escolar, e objetiva o aprendizado de valores e conhecimentos que possibilite o conhecimento/autoconhecimento, o relacionamento com crianças e adultos, o reconhecimento das emoções – alegria, tristeza, raiva, medo, coragem, curiosidade, orgulho e ciúme<sup>15</sup>.

As Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica preconizam que a Educação básica é o tempo e o espaço entre o contexto em que o sujeito aprende a construir e reconstruir a sua identidade [...] respeitando e valorizando as diferenças. Acrescenta ainda, que “a liberdade e pluralidade torna-se, portanto, exigências do

---

<sup>13</sup> O Livro “*Tenho Monstros na Barriga*”, conta a história do menino Marcelo que sente “coisas” na barriga, não sabendo identificá-las, porém os monstros são identificados a partir do momento que ele compreende as suas emoções/personagens como: a alegria, tristeza, raiva, medo, coragem, curiosidade, orgulho e ciúme. A obra ajuda no desenvolvimento das competências socioemocionais das crianças e reforça a conexão entre pais e filhos, professores e alunos. A atividade foi organizada da seguinte forma: os alunos foram dispostos em uma roda de conversa, onde passam a interagir entre si e com os personagens apresentados em diálogo com a pesquisadora mantendo-se livre para se expressar ou não, culminando no momento de reflexão acerca dos sentimentos e emoções presentes em suas vidas e no relacionamento com os outros. Logo após, eles ficam à vontade para interagir entre si e apresentarem suas conclusões com relação ao que foi visto e ouvido através da leitura, das mensagens e das imagens.

<sup>14</sup> Tonia Casarin nasceu em Petrópolis, no Estado do Rio de Janeiro, e concluiu seu Mestrado em Educação pelo Teachers College da Universidade de Columbia, em Nova York. É apaixonada por crianças e pelas emoções que vivem dentro de cada um de nós. *Tenho mais monstros na barriga* é seu segundo livro.

<sup>15</sup> A autora enfatiza na coleção, que cada monstro tem sua função. O monstro da alegria remete a muitas coisas boas, sendo o preferido da maioria das crianças. O monstro da raiva é um sentimento que ocorre com muita frequência no dia a dia da criança. O monstro da tristeza ajuda a criança a compreender e lidar com ela, mostrando que a tristeza é algo natural, e que assim como a alegria ela faz parte da vida. O monstro do medo auxilia a criança a enxergar que o medo precisa ser superado, mas que ele também nos protege do perigo. O monstro da coragem ajuda a enfrentar nossos medos e seguir em frente. O monstro do orgulho nos torna felizes quando conquistamos algo, aparecendo para que possamos celebrar as vitórias. O monstro da curiosidade estimula as crianças a continuarem em busca de respostas para os seus questionamentos. O monstro dos ciúmes aparece para amparar as crianças sobre como lidar com esse sentimento desde cedo, pois os ciúmes sempre vêm acompanhado de outros sentimentos como o medo, a raiva e a possessividade.

projeto educacional.” (BRASIL, 2003, p.17).

Azevedo e Guerra (1989) enfatizam que a violência tende a não deixar marcas visíveis, mas deixa cicatrizes profundas, promovendo no estudante sentimentos como medo, ansiedade e pânico, causando grande sofrimento a criança. Podemos observar esses sentimentos nas falas dos alunos:

F. e N. ambos de dez anos: “[...] tenho medo de pessoas que utilizam o olhar para reprovar ou desfazer de outras”

O aluno N., também de dez anos disse: “Não grito quando gritam comigo porque fico nervoso e triste”.

A aluna B. de dez anos disse: “[...] quando gritam comigo fico muito envergonhada”.

F.: “[...] quando gritam comigo fico com muita raiva e dá vontade de fazer o mesmo com quem gritou, porque quem quer respeito deve respeitar e não é porque eu sou criança que preciso ser tratada assim por um adulto”.

D. de dez anos: “[...] uma pessoa pode pedir para eu calar a boca, mas é o modo como essa pessoa pede que acaba me ofendendo”

Nesse contexto, até o tom de voz elevado e ríspido faz com que os alunos se sintam insignificantes diante dos colegas, frustrados. O grito não educa, pelo contrário, provoca medo e agir de modo agressivo com o aluno não traz benefícios para nenhuma das partes, nem professor nem aluno. Observo que muitos professores, na beira do stress, buscam chamar atenção dos seus alunos aos “berros”, pensando ser um modo adequado. O aluno D. de dez anos se levantou da carteira e pegou no chão o monstrinho da raiva e falou:

“[...] quando cheguei aqui na sala estava com muita raiva, mas quando a senhora começou a atividade com as músicas e leitura, me senti bem melhor”.

De acordo com Silva e Salles (2010, p. 219), “a violência que é reflexo do mundo externo, ela não o é com respeito a sua ação face à violência da escola e à escola”. Pode-se notar, que em alguns casos o aluno vem de um cotidiano marcado pela violência, conflitos familiares, episódios de violência física, desrespeito e a falta de diálogo, adequado marcada por gritos e termos pejorativos, no ambiente das comunidades e até no ambiente familiar, tornam-se comuns na sociedade. Essa realidade resulta na reprodução desses comportamentos também nos estabelecimentos educacionais. Isso é observado na resposta da professora:

“[...] e muitas vezes o aluno reproduz a violência vivida em casa. Muitas vezes seus pais são muito violentos e violentam muito ele, então eles chegam na escola querendo chamar a atenção do professor de uma forma errada, querendo ser o centro das atenções, mas todo professor precisa ter um cuidado e um olhar sensível para

essas mazelas".

Um ambiente de violência constante gera no sujeito sentimentos de raiva e revolta, que quando não trabalhados, passam a interferir diretamente no desenvolvimento e na saúde. Esse sentimento de raiva pode ser percebido nas falas do aluno:

"sinto muita raiva do meu padrasto, ele me chama de nomes feios e isso me dá muito ódio dele", "tem aqui na sala dois colegas que ficam me pirraçando fazendo eu sentir muita raiva e isso me chateia, me faz sentir como se uma mão estivesse aqui dentro do meu peito apertando meu coração", "tenho raiva de uma colega que mora próximo a minha casa, uma vizinha que faz *bullying* comigo".

Observamos que são relatos de situações externas à escola, mas que podem resultar em atos de violência dentro dos ambientes escolares e no entorno das instituições educacionais. Quando perguntado a aluna D. se sentir raiva era algo bom ou ruim, respondeu:

"[...] às vezes é bom e outras vezes ruim porque quando sinto raiva de alguém, eu não quero ver a pessoa que me magoou, mas também é bom porque me afasta de pessoas más que só pensam em nos machucar".

A aluna D. de dez anos, que optou pela coragem, disse:

"[...] eu preciso de coragem para vim à escola porque não gosto de vim, mas preciso estudar, né? Para ter uma vida melhor amanhã né?".  
 [...] "é um sentimento bom e ruim ao mesmo tempo, consegue identificar e compreender que é um sentimento prejudicial, mas pode ser usado para se proteger de "pessoas más que só pensam em nos machucar".

A violência escola provoca danos psicológicos e emocionais no docente e no discente, e afeta a aprendizagem e desempenho escolar, o estado socioemocional, as relações sociais, a saúde e bem-estar. A infância vivida na escola é um momento de grandes mudanças, desafios, descobertas, frustrações, mas também de conquistas e progressos. Esse sentimento crescimento e desenvolvimento pode ser percebido na fala da aluna E. de dez anos, quando escolhe o orgulho:

"[...] professora, preciso me orgulhar sempre das minhas conquistas ainda que elas sejam pequenas para mim, não para me orgulhar e querer ser melhor que ninguém".

O aluno E. de 11 anos escolhe a alegria e justifica:

"quando venho para escola sinto alegria porque na escola eu sei que poderei ter um futuro melhor para mim e para minha mãe".

As crianças têm sonhos e o modo como analisam cada monstrinho demonstram ter conhecimento do que querem, do que sentem e como se sentem em relação a sua situação e condição. Os alunos F. G. de dez anos e E. selecionam o orgulho: "*Quero sentir orgulho de mim e dar orgulho a minha mãe*". As falas evidenciam o desejo de serem motivo de orgulho para os pais, também associam a ida a escola como um importante passo para a realização de seus sonhos/projetos.

O aluno H. de dez anos escolheu a raiva e disse:

"tem aqui na sala dois colegas que ficam me pirraçando fazendo eu sentir muita raiva e isso me chateia, me faz sentir como se uma mão estivesse aqui dentro do meu peito apertando meu coração".

Daí, a importância do diálogo, para que ela possa expressar o sentimento. A aluna J. de 13 anos escolheu o monstrinho da raiva e disse:

"tenho raiva de uma colega que mora próximo a minha casa, uma vizinha que faz *bullying* comigo".

Os alunos K., B. e K. ambos de 12 anos escolheram o monstrinho do ciúme, explicando que esse sentimento causa distanciamento entre as pessoas e que muitas vezes nos afasta de quem amamos. A aluna K. R. relatou que sente ciúmes e se distanciou de sua mãe depois que seu irmão nasceu, e que seus pais agora só dão atenção para o bebê, isolando-a, como se ela não existisse, o que a deixa profundamente triste.

Segundo a professora K "*o reconhecimento é uma atitude bonita, devemos reconhecer o que o outro faz por nós, assim demonstramos o valor do esforço do outro*". Refletindo sobre o tema, pergunta para a turma: "Você tem alguém em quem confia muito?"

A aluna E. de dez anos disse: "Eu confio na minha colega B."  
O aluno F. disse: "Eu confio no meu primo".

A professora K também responde afirmando: "*Eu confio somente em Deus, pois ele é o único que posso contar a todo momento sem fazer julgamento*". Durante a atividade a professora chama a atenção do aluno K., pois estava conversando com o colega. Apesar do tom ríspido, não foi possível observar desrespeito, humilhação, intimidação ou *bullying* por parte da docente. Nesse contexto, é importante refletir sobre a prática de *bullying* na escola sofrido por alunos e professores nos ambientes escolares - a aceitação, a legitimação, a discriminação, o assédio. O *bullying* foi um tema bastante trabalhado em sala de aula na EMN. O educador precisa estar bem-preparado para enfrentar as questões relativas à prática do *bullying*, para

compreender a natureza do problema e suas manifestações, pensar ações para prevenir e combater essas práticas.

Considerando essas vivências sob a perspectiva de Freire (1996, p. 33) "o bom professor é o que consegue, enquanto fala trazer o aluno até a intimidade do movimento do seu pensamento". Do ponto de vista do autor, o professor tem um papel fundamental importância na educação das séries iniciais, na formação de ideias, opiniões, pensamentos. Freire (2005, p. 86) reitera que "educadores e educandos se fazem sujeitos do seu processo". Daí, a importância de uma relação baseada no respeito e diálogo entre professor e aluno, para que haja aprendizagem e conhecimento. Desta forma, a escola precisa ser um lugar que propicie ao aluno bem-estar físico, mental, emocional e social.

Ao compreender os próprios sentimentos e os sentimentos dos outros, segundo Tonia Casarin (2017), a criança se torna mais apta a encontrar estratégias para lidar com as suas emoções, desenvolver empatia, resolver conflitos e expressar o que sente. O aprendizado socioemocional, conforme Casarin (2017) inclui aprender os valores, conhecimentos e competências que permitem que a criança se conheça melhor, se relacione com os outros – crianças e adultos – e contribua de maneira positiva para a família, a escola e a comunidade onde vive. Desenvolvendo assim competências socioemocionais na infância de modo a impactar efetivamente na vida social, emocional, acadêmica e profissional do adulto (2017, p. 4). Os relatos a seguir, confirmam a importância do desenvolvimento de tais competências.

A aluna M. escolheu o monstro da coragem em sua escrita, ela traz *“que a coragem tem seu lado bom e ruim. O lado ruim é que as pessoas querem enfrentar tudo, muitas vezes colocando a vida em risco e seu lado bom é que ele pode superar seus medos”*. A autora afirma que o monstrinho da coragem é um sentimento que ajuda a criança a enfrentar seus medos, e enfatiza que é necessário falar para as crianças dos diferentes tipos de medo, o medo necessário e o medo excessivo (CASARIN, 2017, p. 8). A aluna L. também escolheu a coragem afirmando que *“a coragem a ajuda a vencer os medos e a vergonha, ajudando a pensar melhor nas coisas”*. O aluno E. escolheu o orgulho dizendo que *“se sentia orgulhoso quando sua mãe o ajudava nos estudos e ele tirava boas notas”*. O aluno E. escolheu a alegria falando que *“se sentia alegre em ter a oportunidade de ir à escola para ser alguém na vida e nela tornar-se uma pessoa inteligente”*. O monstrinho da alegria remete aos

momentos de brincadeira e prazer<sup>16</sup>.

Os relatos permitem-nos pensar na contribuição das competências emocionais para minimizar a insegurança emocional e aprimorar a inteligência em situações imprevistas e desafiadoras. Além disso, possibilitam também aos estudantes uma preparação para lidar com as dificuldades. Dessa forma, eles tornam-se aptos a superar obstáculos e adquirir uma experiência com o aprendizado.

Dallabona e Mendes (2004) defendem que a infância e a idade do brincar, segundo os autores "o brincar é o fazer em si, que requer tempo e espaço próprio" (p. 109). A infância é o momento em que as crianças socializam ao brincar, aprendem a repartir e a se conhecer melhor. O aluno N. também escolheu a alegria dizendo que "*não gosta de se sentir triste, porque a tristeza afasta a alegria*". O aluno H. escolheu a raiva e disse que "*para ele a raiva é como um buraco negro, uma escuridão que só o deixa apreensivo*".

O aluno F. optou pelos ciúmes justificando que "*sentimento afasta as pessoas que mais gostamos pois ele é um sentimento ruim de se sentir, chegando a doer o coração*". O aluno N. escolheu o medo e disse que "*tem medo do mar porque nos filmes ele vê coisas horríveis e monstros marinhos como o leviatã, entre outros*". Podemos observar que apesar da pouca idade, os alunos sabem identificar e compreendem seus sentimentos, convivem com a violência.

A professora K. salienta que "*a violência escolar é um problema muito sério, e que precisa ser mais debatido e estudado, pois é algo que envolve a sociedade como um todo*". Afirma ainda, que violência "*é algo voluntário, já que podemos decidir se devemos agredir o outro ou não*". Complementa, que "*a violência no ambiente escolar com algo que já se estruturou*". Pontua ainda,

*"que a violência psicológica e moral prejudica o andamento das atividades em sala de aula pois causa constrangimento ao aluno que sofre, provocando no mesmo outras reações como o desejo de não mais voltar à sala de aula ou até odiar o professor"*.

Para a educadora, a violência provoca insegurança. A professora K confirma que nunca presenciou violência física na EMN, porém declara que não só presenciou como também sentiu na pele, a violência psicológica e simbólica. Nas palavras da professora K.:

---

<sup>16</sup> Por ter um espaço destinado ao brincar e ter muitas séries, as crianças na instituição escolhida não tem esse momento, elas saem para merenda e voltam para sala, pois a escola tem alunos grandes e pequenos do G5 ao 5º ano, impossibilitado esse momento do brincar para que os alunos maiores não venham machucar os pequenos.

“A violência psicológica é algo muito preocupante e que realmente precisa ser estudada, debatida e questionada, pois a mesma deixa cicatrizes profundas. Essa violência, o aluno carrega para uma vida toda, portanto precisamos cuidar melhor de nossas crianças para que se tornem adultos saudáveis. O sistema educacional precisa estar mais atento para esse problema e os profissionais da área educativa devem saber trabalhar de modo a amenizar esses danos”.

A decisão de trabalhar os temas – “*bullying*, confiança, solidariedade, respeito, paciência, decepções, sonhos, reconhecimento, amor-próprio, conquistas, dentre outros”, de acordo com a professora K, tem dois objetivos, o de provocar a reflexão e evitar práticas e ações de violência na prática do ensino, no exercício da profissão. Ainda na visão da professora, “*os alunos sabem o que é bullying, eles só não têm aprofundamento quanto ao assunto*”. As atividades desenvolvidas pela educadora buscam a resolução desse problema (o *bullying*), no ambiente de ensino e aprendizado. Ademais, a educadora relata que “*muitas crianças vêm muito machucadas de casa, buscando muitas vezes amor e compreensão na sala de aula e, não encontrando, se tornaram crianças agressivas*”. Segundo a pedagoga, além de “*muitas crianças sofrerem abusos não só da ordem física, mas também psicológica, elas são incentivadas a reproduzir essa violência na escola com os colegas e com os professores*”. As crianças reproduzem a fala dos pais dizendo: “*Não venha apanhado para casa, se lhe baterem, desconte*”. “*Você não é saco de porrada de ninguém. Se chegar apanhado em casa, apanha mais, seja homem!*”

A professora relata que já teve alunos que sofreram abusos praticados por seus familiares (pais, avós), e que muitas vezes, essas crianças chegavam na escola muito assustados, apáticos e revoltados, “*desejando descontar na primeira pessoa que aparecesse*”. A violência sofrida no meio familiar pode ser reproduzida pela criança na instituição escolar. É importante ressaltar que, as agressões e violências físicas – os abusos contra as crianças, assédios, estupros, espancamento, além das medidas legais, ou seja, notificação às autoridades competentes, requer das escolas projetos de prevenção, enftretamentos e combate, e de acompanhamento das vítimas.

Em relação a violência verbal, a professora K relata que “*sabe muito bem o que é ser um aluno violentado, pois já sofreu na pele essa violência quando criança, em uma rede particular de ensino aqui na cidade de Alagoinhas*”. Também conta que

“seus colegas e professores costumavam chamar ela e suas irmãs de “nega feia”, “cabelo duro”, que chamavam elas de “negas” horrorosas e que a instituição ainda as colocava de castigo quando elas se defendiam dos ataques”.

As humilhações não se restringiam ao recreio, mas também eram feitas em sala de aula onde eram chamadas de "burras". A professora K relata que

*“a professora as colocava "orelhas de burro", muitas vezes as colocavam de pé com o rosto virado para parede e outras olhando para os colegas, que aproveitavam para zombar delas. Ela relata que as faziam escrever cem vezes "devo respeitar os colegas e as professoras" ou os numerais de zero a cem e além disso, as privavam do recreio”. E que na hora de brincar ela se escondia no banheiro ou na sacristia para ninguém a ver. E para se vingar das agressões, ela comia a hóstia que estava na sacristia”.*

Na visão de professora K., o aluno violento extravasa sua raiva da forma que ele compreende, ou seja, “atinge o outro sendo agressivo também”. Ela reforça que “os pais precisam orientar seus filhos e que a escola precisa trabalhar além dos conteúdos”, precisa trabalhar temas que ajude os alunos refletirem sobre essas emoções, pensamentos, atitudes e comportamentos. De acordo com Paulo Freire “[...] faz parte da tarefa docente não apenas ensinar os conteúdos, mas também ensinar a pensar certo” (1996, p. 26-27). Neste sentido, não é legítimo só "pensar certo", mas sentir e agir de maneira correta, compreendendo as emoções.

De acordo com Santos (2021, p. 24), um jovem rotulado de “aluno mal-comportado”, pode estar sofrendo uma violência psicológica, tornando-se violento como reação à violência sofrida por parte da escola. Segundo Fonseca (2016), quando não se tem o domínio das emoções, todas as esferas sociais da vida são afetadas. Nesse contexto, a aprendizagem tem um papel fundamental nas relações sociais e no convívio do ambiente escolar. O espaço escolar deve propiciar um ambiente de bem-estar e segurança afetiva aos discentes e docentes, para que estes não venham a sofrer de problemas emocionais, que podem ocasionar dificuldade em todo o processo de aprendizagem, decorrentes das práticas de violência.

### 3.2. O BULLYING NA ESCOLA MUNICIPAL NAIRIM

Segundo o Fundo Internacional de Emergência das Nações Unidas para a Infância, UNICEF (2012)<sup>17</sup>, a violência acometida na infância e na adolescência constitui um grave problema de saúde pública, que pode ser observado na família e nas instituições, que têm o dever de educar de maneira saudável e proteger as crianças e adolescentes. No entanto, podem se tornar agentes de violação desses mesmos direitos.

A violência no espaço escolar pode provocar danos ao desenvolvimento saudável das crianças bem como dos adolescentes, tanto vítimas como agressores. Estar exposto a esse tipo de situação em que impera a agressividade, o desrespeito, compromete de modo significativo o desenvolvimento escolar, social e pessoal (BENETTI *et al.*, 2014).

Paulo Freire (1994) pondera que precisamos respeitar a dor do outro, respeitar seus gostos, suas escolhas. Afirma ainda, que

É impossível ensinar sem essa coragem de querer bem, sem a valentia dos que insistem mil vezes antes de uma desistência. É impossível ensinar sem a capacidade forjada, inventada, bem cuidada de amar [...]. É preciso ousar, no sentido pleno desta palavra, para falar em amor sem temer ser chamado de piegas, de meloso, de a-científico, senão anti-científico. É preciso ousar para dizer, cientificamente e não bla-bla-blantemente, que estudamos, aprendemos, ensinamos, conhecemos com o nosso corpo inteiro. Com os sentimentos, com as emoções, com os desejos, com os medos, com as dúvidas, com a paixão e também com a razão crítica. Jamais com esta apenas. É preciso ousar para jamais dicotomizar o cognitivo do emocional. É preciso ousar para ficar ou permanecer ensinando ao risco de cair vencidos pelo cinismo. É preciso ousar, aprender a ousar, para dizer não à burocratização da mente a que nos expomos diariamente. É preciso ousar para continuar quando às vezes se pode deixar de fazê-lo, com vantagens materiais. (FREIRE, 1994, p. 10)

Partindo das falas dos estudantes pudemos identificar cenários de violência narrados no ambiente escolar. Dialogando com a professora K, propomos uma atividade com a turma com o tema único: o *bullying*, e a pergunta: *O que dói ou continua doendo em você?*

---

<sup>17</sup> Disponível em: <<https://www.unicef.org/brazil/protecao-de-criancas-e-adolescentes-contraviolencias>>. Acesso em: 15 set. 2024.

O estudante F., de dez anos diz que “o bullying enquanto violência simbólica traz dor e sofrimento à vítima, relatando que o que dói nela é o fato da sua avó tratar a mãe de forma desigual a sua tia”. F.: – *O que me dói é que minha avó tem mais amor por minha tia do que por minha mãe, aí eu vejo minha mãe triste e fico triste também.* A professora pergunta: – *“E essa ação de sua avó dói em você F.”?* F. responde: – *“Dói e muito”.*

Na socialização dos relatos alguns alunos afirmam que tinham dores, mas que não queriam compartilhar com a turma, demonstrando emoção, comoção, tristeza. Entretanto, outros alunos socializam suas vivências e experiências:

N. de dez anos disse que o que lhe doía era o fato dele ter menos atenção que sua irmã caçula. N.: – *Me dói ver a atenção de meus pais, que é voltada somente para minha irmã caçula. Ela tem tudo, roupas, sapatos. Tudo é pra ela”,* fala com a voz embargada, demonstrando tristeza.

H. de dez anos, muito chateado, compartilhou que “não aguentava mais levar a culpa por tudo que a irmã mais nova fazia, e que seus pais colocavam sobre ele a culpa por ser o irmão mais velho, por não organizar toda a bagunça e desordem causada por sua irmã mais nova”.

D. de dez anos fala: – *“Se minha irmã espalha os brinquedos eu quem tenho que arrumar, se quebra alguma coisa a culpa é minha e isso me dói muito, muito mesmo.*

M. de dez anos falou que o que lhe doía era o fato de as pessoas não aceitarem os seus gostos:

M. relata: – *Por eu gostar da banda de música BTS<sup>18</sup>.* Ela continua: – *Por conta do meu gosto musical, todos me taxam de obcecada e louca, minha família briga comigo e meus colegas de escola acabam me isolando.* A professora pergunta: – *O que você faz para resolver isso então?* M. responde: – *Eu tento falar só que elas não entendem.* A professora insiste: – *Então a dor não passa?* Ela responde: – *Não. Só quando as pessoas entenderem o meu gosto.* A professora continua: – *Quem te apoia M.?* M.: – *Ninguém.*

A fala acima revela o sentimento de dor pela exclusão recebida ao gostar de algo diferente. A professora então aborda o tema trabalhado em uma aula anterior que falava das "sombras", reexplicando “*que todos nós temos as nossas sombras*” e que “*a sombra de M. era a rejeição, o medo, a ansiedade, o preconceito que toda essa violência a machucava bastante*”. Então a professora continua: – *“Todos temos o*

---

<sup>18</sup> BTS é a abreviação de Bangtan Sonyeondan, que em português quer dizer "meninos à prova de balas", um grupo sul-coreano.

*direito de gostar de algo e precisamos ser respeitados por isso desde que esse fato não venha nos prejudicar e nem prejudicar ninguém”.*

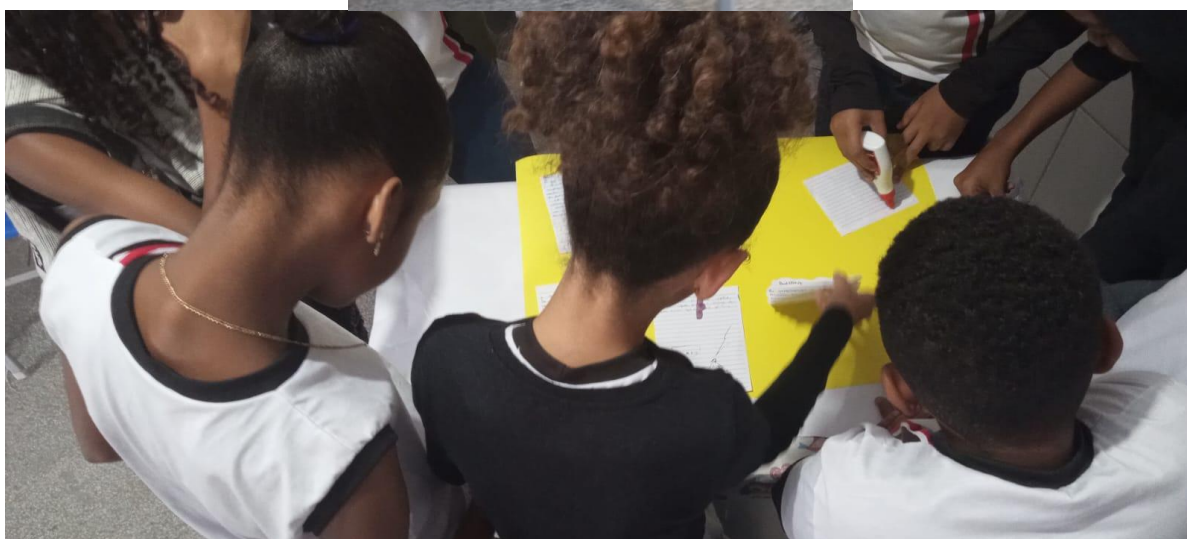
**Imagem 1** - Estudantes durante atividade



Fonte: acervo pessoal.

**Imagem 2** - Estudantes

durante atividade



Fonte: acervo pessoal.

A professora K aborda o tema compartilhando suas vivências de estudante e adolescente:

*– “Precisamos vigiar os nossos sentimentos e vigiar as pessoas que nos rodeiam, porque é difícil compartilharmos as nossas dores com*

*outras pessoas. É necessário encontrarmos um caminho para resolvermos as nossas dores. Como é que as pessoas costumam resolver suas dores? Através das religiões, de terapias, conselhos de amigos. A professora então questiona a classe: – O que dói em M. dói em você?”*

O primeiro curta-metragem exibido tinha como título *Como o bullying afeta sua Inteligência e sua vida Estudantil*, do Canal Diamanticamente<sup>19</sup>. O vídeo aborda a origem da palavra *bullying* e fala sobre os tipos de violência causadas por esse abuso, bem como os males que ele causa a suas vítimas. Segundo o curta-metragem, *bullying* vem de *bully*, palavra de origem inglesa, significa "valentão" e o sufixo *ing* dá a ideia de uma ação contínua. Sendo assim, a palavra *bullying* se refere a um quadro de agressões contínuas, repetitivas, com características de perseguição do agressor contra a vítima. De acordo com o vídeo 1 em cada 5 crianças sofrem *bullying*, 32% dos estudantes dizem que já sofreram algum tipo de zombaria e cerca de 5,4 milhões de estudantes faltam à escola por algum período devido a essa violência. Após a exibição do curta-metragem, foram lançadas as seguintes perguntas. 1 - *O que é violência para você?*; 2 - *Você já sofreu ou praticou bullying com o colega?*; 3 - *Você já viu algum colega sofrendo bullying na escola?*; 4 - *Como você se sentiu sofrendo bullying?*; 5 - *E como você acha que o seu colega se sente sofrendo bullying?* e 6 - *O que devemos fazer para evitar o bullying?*

Os dados revelam que os estudantes têm uma compreensão da prática de *bullying*, bem como dos sinais e sintomas que podem ser observados em alunos que sofrem *bullying*. Alguns estudantes manifestaram sentimentos contrários ao *bullying*, como medo, pena, tristeza. Outros alunos admitiram estar diretamente envolvidos - em algum momento já praticaram *bullying*. Outro grupo de estudantes admitiram ser alvos de *bullying*, mas disseram não ter solicitado ajuda aos colegas, professores ou família, e preferiram o silêncio e distanciamento. Portanto, grande parte das crianças já sofreram algum tipo de violência, dentro e fora do ambiente escolar. A seguir, a sequência de respostas.

F. de dez anos disse: – *Violência é algo que faz muito mal pra quem recebe porque a pessoa muitas das vezes não sabe como se defender.*

L. de doze anos revelou: – *Eu já fui vítima de violência verbal por parte de um colega onde sofri xingamentos, mas tenho vergonha de dizer quais foram, mas depois eu não continuei a amizade.*

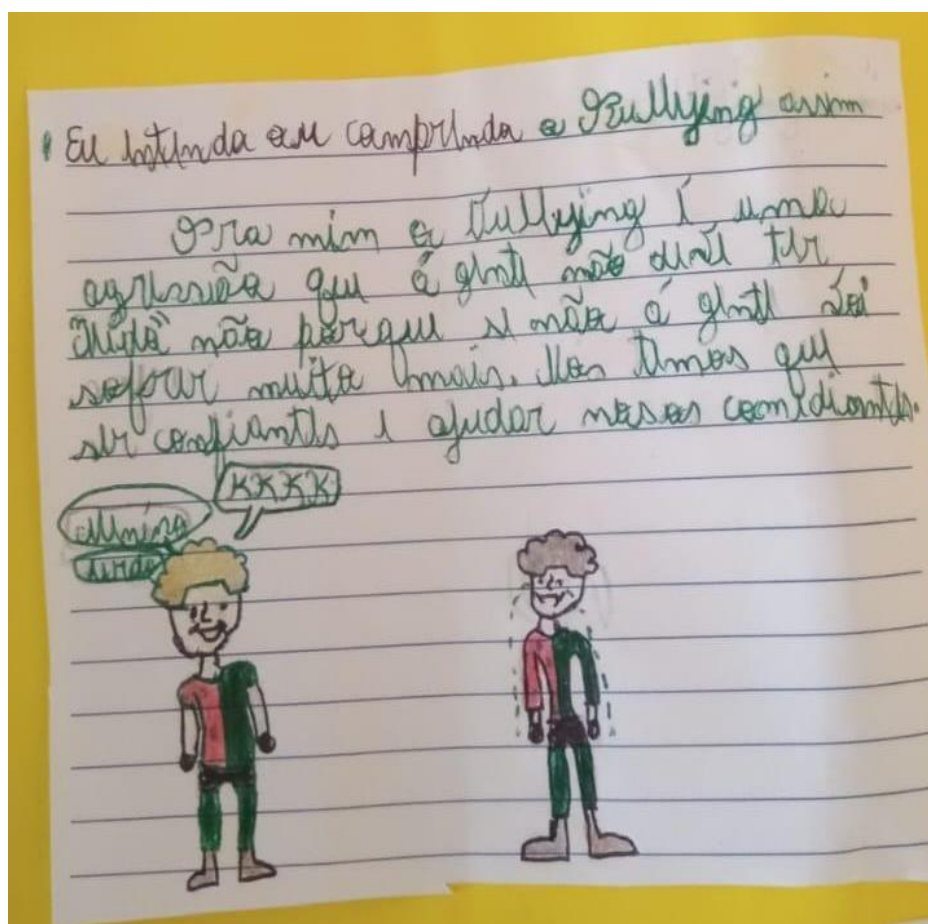
M. de dez anos disse: – *Eu já fiz e já sofri violência verbal. Fiz xingamentos e fui chamada de bruxa, isso me deixou muito triste.*

<sup>19</sup> O curta-metragem indicado pela professora K.

L. B. de dez anos fez um relato muito triste e comovente quando revelou: – *Eu sofri violência verbal e psicológica de meu ex-padrasto, ele me chamou de cobra cascavel e cabrunca, esses xingamentos me magoam até hoje e não consigo esquecer, toda vez que lembro eu fico muito triste e choro bastante.*

N. de dez anos falou que: – *Eu sofri violência física e verbal. A violência física não quis relatar, mas a verbal disse que sofreu na escola. N. continuou: – Me chamavam de bunda de coração e bunda de silicone, me chamaram de diabo, louca. Ninguém nasceu com apelidos. Todos nascemos com nomes, apelidos são colocados.*

**Imagem 3** - Relatos dos estudantes



Fonte: acervo pessoal.

Como se pode observar na imagem acima, podemos observar, o entendimento do bullying como uma agressão, que faz a vítima sofrer, portanto não deve acontecer. Nota-se também o sentimento da coragem e confiança, no enfrentamento do agressor, e de proteção, demonstrando empatia pelos colegas, vítimas do *bullying*. Os desenhos feitos por crianças são um recurso valioso na Psicologia voltada para o público infantil, pois oferecem um meio não verbal de entender os sentimentos e pensamentos das crianças. Os desenhos podem mostrar aspectos da vida emocional,

familiar e afetiva da criança, além de auxiliar na identificação de traumas e dificuldades.

Durante a atividade a professora K trouxe sua história, narrando o episódio de quando sofreu *bullying* na escola por parte de seus colegas e de seus professores, que não a apoiaram. Contou para as crianças que na escola ela era xingada também: –*“Na escola que estudei fui chamada de negrinha, nega do cabelo duro, nega feia, usei orelhas de burro”*. Ela revelou à turma que trabalhava os temas justamente para que eles não passassem o que ela havia passado. Ela relata: – *“Por conta dessa violência me tornei a profissional que sou, buscando transformar a minha turma para que o respeito e a empatia sejam realidade no nosso meio. Eu incentivo vocês a não se deixarem ser humilhados por ninguém, a respeitar os outros, mas exigir respeito de todos. Respeitar é primordial! Utilizo essas acolhidas para conhecer vocês e vocês se conhecerem, se respeitarem, se ajudarem e vivermos em um ambiente escolar saudável. Precisamos cuidar uns dos outros”*.

A fala da professora legitima reforça que é fundamental refletir as práticas de exclusão e as violências que ocorrem no ambiente escolar, sobre a necessidade de enfrentar e superar tais problemas por meio de um esforço constante, de “refletir e descobrir no próprio estilo de ensinar, aquilo que condiz com uma prática emancipatória”, que leva a “pensar autêntico como um projeto de sociedade.” (FREIRE, 2005, p. 37).

“H. de dez anos: – *Eu fiz a agressão física com um colega que roubou meus óculos, bati muito nele com raiva porque fez isso*. Perguntei se ele não poderia ter resolvido essa questão de outra forma. H. respondeu: – *Não, porque eu fiquei com muita raiva”*.

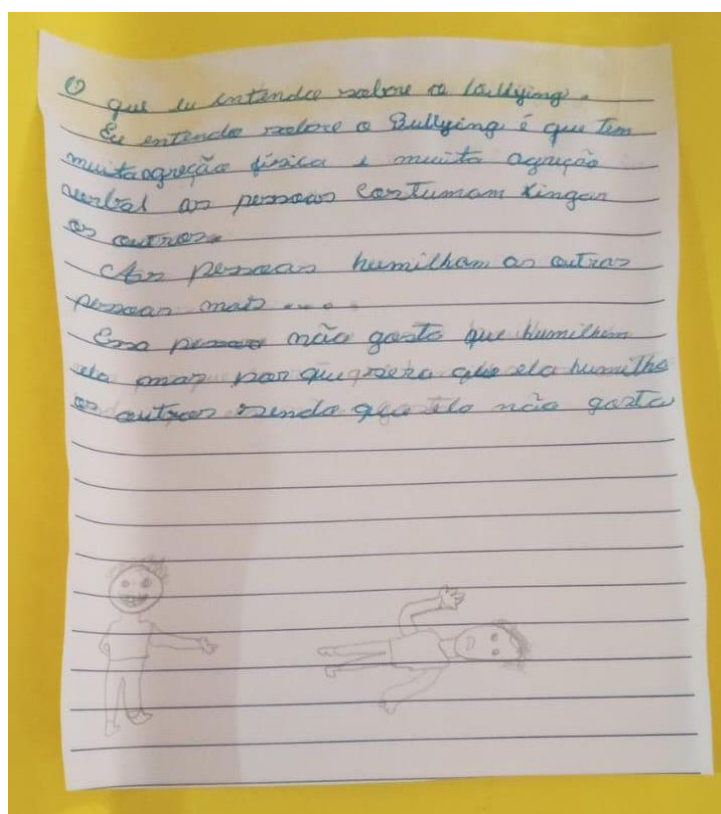
Como podemos observar, H. justificou sua atitude porque seu colega roubou seus óculos, ou seja, a ação agressiva surgiu em decorrência de uma ação anterior. H. de dez anos: – *“Eu fiz a agressão física com um colega que roubou meus óculos, bati muito nele com raiva porque fiz isso*. Perguntei se ele não poderia ter resolvido essa questão de outra forma. H. respondeu: – *Não, porque eu fiquei com muita raiva”*.

A fala do aluno H. associa a agressão física ao sentimento de raiva, o que corrobora com Casarin (2017) ao afirmar que é comum a presença de ações exageradas como a agressão física, já que, a criança tem dificuldade de lidar com tal sentimento. Isso pode ocorrer por desconhecer o que se sente e como responder a isso. Do mesmo modo, vale salientar, que o processo de desenvolvimento da inteligência emocional passa pelos adultos com os quais a criança se relaciona,

portanto é importante acolher os sentimentos dela. Esclarecendo que é normal sentir raiva e tristeza. Ressaltar que todos nós também experienciamos essas emoções. Ao acolher, não se exagera, mas transmite-se a ideia de que o ambiente é seguro para compartilhar o que se sente.

D. de dez anos relatou que praticou e sofreu: – *Eu chamei meu primo de gordo feio e ele falou que eu também era gordo.* S. F. de dez anos disse: – *Eu pratiquei a violência, mas não considerei violência porque nós estávamos brincando.* F. então disse: – *É nas brincadeiras que muitas vezes fazemos mal aos outros. Nos escondemos atrás das brincadeiras para magoar e ofender alguém que já estamos com vontade de maltratar.*

#### Imagem 4 - Relatos dos estudantes



Fonte: acervo pessoal.

K. de dez anos disse: – *“Eu sofri violência física por parte de meu pai, mas não quero contar o que aconteceu porque tenho vergonha e raiva”.* Quando perguntado o que seria necessário para evitar a violência e o *bullying*, todos concordaram que “é algo difícil de acontecer porque muitas pessoas sabem o que é, mas não têm consciência que isso machuca e entristece”.

Exibimos o curta-metragem *Meu Nome é Maalum*, escrito pela psicóloga e contadora de histórias Magna Domingues e pelo produtor Eduardo Lurnel<sup>20</sup>. Maalum é uma criança que recebeu um nome africano quando nasceu. Ela cresce feliz, mas quando chega na escola, todos riem do seu nome. A protagonista não entende o porquê e começa a ficar muito triste. Com ajuda da sua família, ela descobre o significado do seu nome<sup>21</sup> e a tristeza se transforma em orgulho pela sua ancestralidade. A história pode contribuir para a educação antirracista, além de trazer eventos e situações vividas por crianças negras que sofrem racismo nas escolas. Após exibição do curta-metragem, demos início aos diálogos com as crianças no intuito de registrar informações acerca da violência e do *bullying* exibidos no curta-metragem. As perguntas foram: – *O que chamou mais atenção no curta?* – *Qual a mensagem que ele quer transmitir?* – *O que precisa ser feito para não haver bullying na escola?* – *Qual conselho você daria ao colega para não praticar a violência e o bullying?*

Imagem 5 – Capa curta-metragem *Maalum*



Fonte: Internet

A compreensão da turma a respeito do *bullying* foi que a menina Maalum tinha um nome diferente, por conta da sua origem e de seu povo. Desse modo, os estudantes foram instigados a relatarem se já sofreram violência semelhante no ambiente escolar ou sociofamiliar - preconceito por causa do nome, cor, cabelo diferentes. É importante destacar que nesses ambientes existem muitas crianças e jovens negros, não se reconhecem como pessoas pretas, nem reconhecem a sua

<sup>20</sup> Com ilustração de Fábio Mota e posfácio de Renato Nogueira. O curta-metragem foi lançado no ano de 2022 pela editora Baú Encantado.

<sup>21</sup> Maalum significa especial.

origem. Esse cenário, incita o diálogo sobre a importância das diversas culturas e o combate as práticas racistas e preconceituosas que acometem a população negra no nosso país. Os dados evidenciam a importância do diálogo, da escuta (ou a falta dela) no ambiente familiar:

F. de dez anos: – *“Maalum é uma menina negra de um outro país e por isso seus pais resolveram colocar esse nome nela”.*

E. de dez anos: – *“Os colegas zombaram do nome dela porque é diferente”.*

F.: – *“Mas por acaso ela mangou dos nomes deles por ser diferente para ela?”*

E. responde: – *“Não”.*

L. então fala: – *“Porque eles então mangaram?”*

D. responde: – *“Porque eles não são amigos, são conhecidos, amigos de verdade não fazem isso”.*

H. disse: – *“Por causa disso ela não queria ir mais para a escola, ela ficou envergonhada”.*

A professora: – *“Pra vocês verem como o bullying afeta a vida do colega”.*

Quando perguntado: – *Maalum quando chegou em casa não contou a seus pais que havia sofrido violência na escola e foi para o quarto se isolou e chorou bastante. Isso já aconteceu com vocês?*

F. “como sempre ligeira em suas respostas, disse: – *Sim e isso é verdade e muito ruim.*

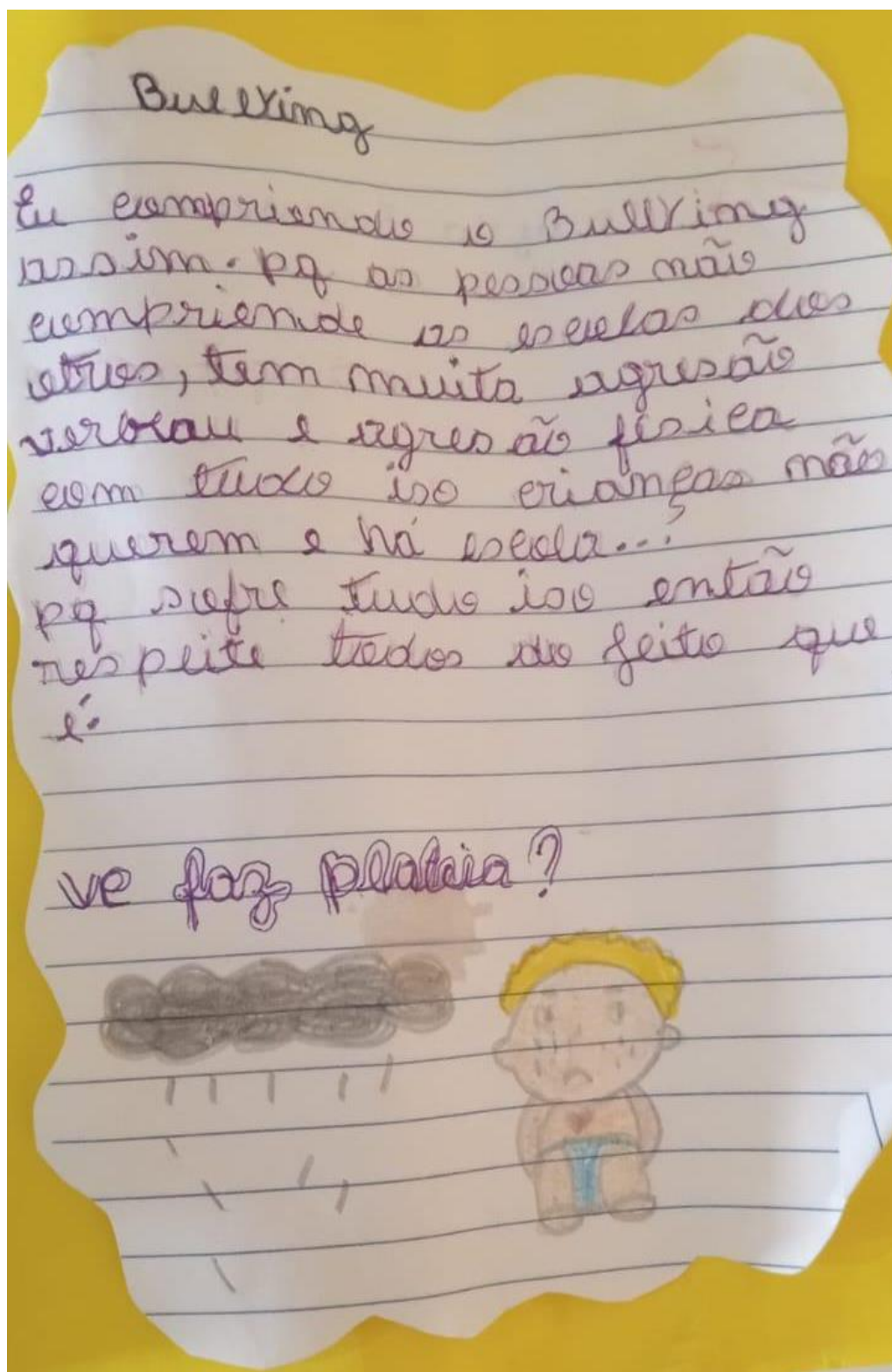
L. disse: – *“Quando aconteceu comigo eu cheguei muito triste em casa, aí minha mãe me perguntou o que eu tinha e eu contei que um colega havia falado coisas feias para mim, e ela perguntou “que coisas feias?” Me chamou de anã de jardim, feia e idiota. Então minha mãe veio na escola comigo e conversou com a diretora”.*

K. falou: – *“É F. mas isso aconteceu com você porque muitas vezes a gente chega em casa chateado e nossos pais nem notam”.*

As vítimas de bullying geralmente são pessoas com dificuldades de reagir diante das situações agressivas. No diálogo expressaram seus conhecimentos de que a violência existe, e que já sofreram ou agiram como agressores. Também reconhecem o sofrimento e as consequências causados na vítima, e têm a compreensão de que a empatia e o respeito são necessários para que enfrentar e combater a violência.

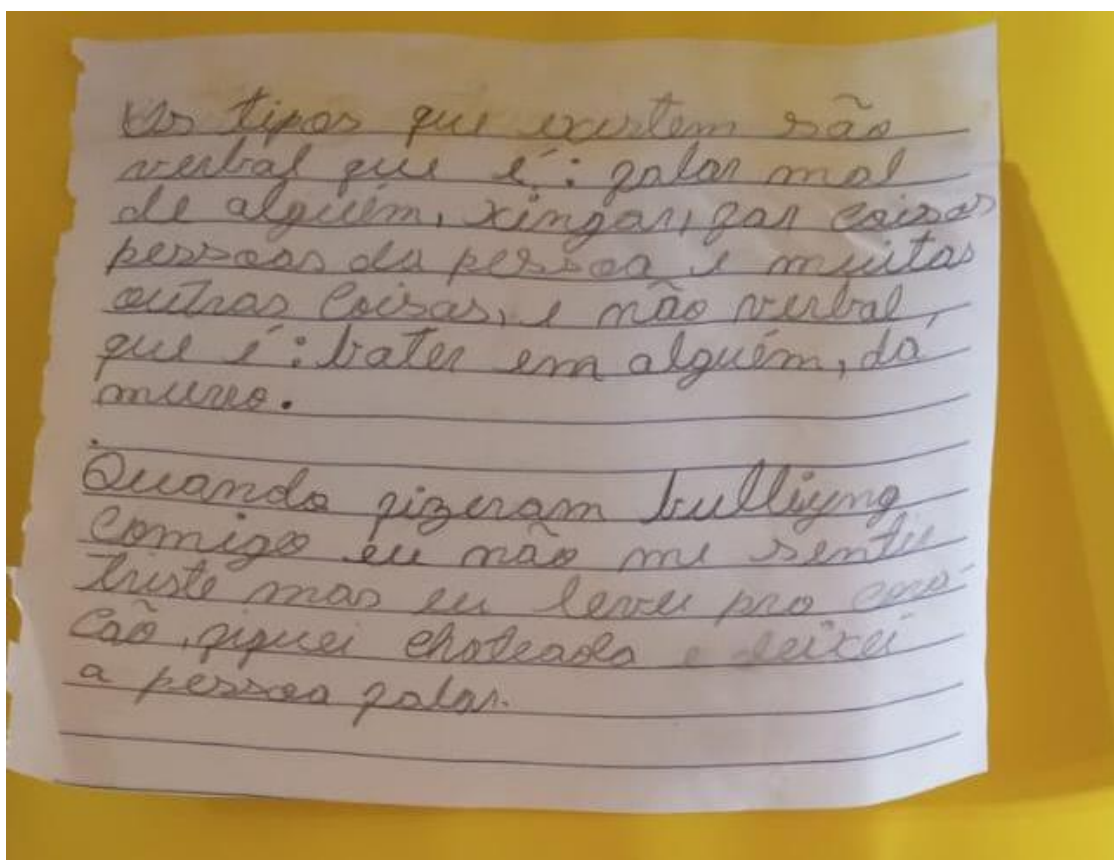
N. disse: – *“A pessoa educada se não faz isso deveria fazer porque é educada”.*

M.: – *“É por isso que digo porque vocês não aceitam que eu goste do BTS?”*



Fonte: acervo pessoal

Imagem 7- Relatos dos estudantes



Fonte: acervo pessoal.

Quando perguntada sobre tipos de violência no ambiente escolar, a professora responde:

– “No espaço escolar podemos ver a violência física, psicológica, simbólica, verbal e moral, todas essas violências de alguma forma acabam prejudicando o bom andamento do trabalho do professor, bem como o desenvolvimento dos alunos e há também atraso no trabalho pedagógico”.

– “A violência física é aquela que usa a força física para machucar o outro, através de murros, chutes e empurrões. A violência psicológica e simbólica/ moral necessita ser bastante tratada na escola pois partir dela as outras ocorrem chegando às vias de fato que é a agressão. A violência psicológica vem em forma de bullying, preconceitos, porém nós que trabalhamos na área educacional sabemos que ela existe desde sempre através dos apelidos e comparações”.

Como pode ser notado, a professora K tem consciência e menciona as formas de violência presentes no dia a dia das instituições de ensino brasileiras. Entre elas, podemos citar também os atos de vandalismo, como danos às instalações, roubo de materiais e pinturas indesejadas; confrontos e agressões entre estudantes, incluindo furtos, ofensas, lutas e exploração dos mais jovens; e ainda as hostilidades que envolvem alunos e adultos, como ameaças dirigidas a docentes e agressões verbais, físicas ou psicológicas perpetradas por professores e outros profissionais contra os alunos.

Ela continua:

*– No passado, os apelidos e as comparações eram chamar o colega de burro, cavalo, ignorante, mas na atualidade esses apelidos e comparações estão partindo para humilhar o outro através de sua aparência física. Exemplo: Uma pessoa que é considerada pequena é chamada de anã, uma pessoa que possui uma cabeça grande é conhecida como cabeção, que tem o nariz maior e é chamado de narigão. Os apelidos passaram de palavras de momentos a características físicas, onde a pessoa perde sua identidade, seu nome e passa a ser conhecida de todos pelos apelidos e comparações desagradáveis à vítima. Onde a vítima passa a ser chamada por um nome inventado pelo agressor. E muitas das vezes essa criança já vem agredida de casa pelos seus pais ou familiares.*

Segundo a pedagoga, o apelido só se torna agressivo dependendo da forma como a pessoa fala. Professora: – *“Meu marido me chama, “preta, vem cá”, é diferente dele falar, “saia daqui sua preta”. Entende? Ainda, é possível perceber que os acontecimentos que definem a agressão física e psicológica, são manifestadas através de palavras violentas, desrespeitosas ou humilhantes, associadas a características pessoais mais marcantes – físicas, comportamentais ou ideológicas, como o uso de nomes pejorativos.*

“Você considera essa escola violenta?” Observe a resposta da professora K a essa pergunta:

*“Não, mas em outras escolas as quais eu fiz parte do corpo docente eu observei muitos professores sendo agressivos com os seus alunos. [...] Há três anos atrás convivi com uma professora que nenhum aluno gostava dela por conta de sua ignorância para lidar com essas crianças. Ela perdia parte da aula para falar e criticar seus alunos com palavras tipo “vocês não sabem nada”, que eles eram crianças ignorantes. Os alunos por conta dessas ofensas passaram a não gostar dessa professora. Ela precisou se afastar e para lhe substituir entrou um estagiário que tratava muito bem seus alunos e incentivava-os, fazia atividades diferenciadas trazendo os alunos para uma nova realidade de carinho e respeito. Quando a professora retornou de volta à escola, nem as crianças e nem seus pais aceitaram mais essa professora na sala porque criaram raiva de sua prática”.*

Sabemos que não é um caso isolado na sala de aula, a violência simbólica nas praticada por professoras. Muitas vezes, na tentativa de lidar com possíveis conflitos em sala de aula, recorrem ao controle autoritário e a censura às intervenções dos alunos. Além disso, pode ocorrer interpretações inadequadas por parte dos docentes, as tentativas dos alunos de se socializarem ou contextualizarem os temas discutidos tratados como indisciplina, o que resulta na negação, no silenciamento, na exclusão.

A professora por conta desse fato perguntou:

*– Como uma escola que é um ambiente educacional que precisa tratar pessoas como iguais, existe um professor com um exemplo que ofende e violenta esses alunos e também a formação desses indivíduos? Eu não quero ser professora dos meus alunos, mas também amiga deles. Não é que eu não tenha autoridade, é que eu não necessito usar do abuso do autoritarismo. No relacionamento professor/aluno precisa haver regras de convivência através do respeito e da confiança para haver um ambiente na sala de aula amigável para que o professor possa desenvolver seu trabalho e os alunos se sintam confortável para voltar no outro dia.*

Quando lhes foi perguntado se eles compreendiam o que era violência, se conheciam algum tipo de violência, se eles já haviam sofrido ou praticado *bullying* e o que seria possível fazer para evitar a violência e o *bullying* no ambiente escolar.

E. de dez anos falou:

*– Eu já sofri bullying na escola, meus colegas me chamavam de babão e de Bulldog eu me senti muito triste e magoado, conversei em casa com minha mãe e ela conversou com a diretora da escola. Então perguntei: – E você sabe o que vem a ser violência? E. responde: – Violência no caso pode ser uma violência agressiva e a violência passiva, e ela se divide em física e a do falatório. O falatório são os xingamentos e acusações de algo que você não fez, a agressão física é feita através de socos, murros, tem o bullying que é chamar o outro de coisa feia e existem outros tipos de violência que eu esqueci agora, e a violência que é algo principal sobre você como me chamaram de Bulldog que é o cachorro que mais baba.*

Quando questionado: – *O que será necessário fazer para haver um ambiente de paz nas escolas?*

*E.: – Precisa existir o perdão e conversar com a professora e com a direção para conversar com os pais do colega que nos agride.*

*A. de dez anos relatou que: – Eu sofro bullying porque meus colegas dizem que eu não vou crescer porque sou pequena.*

*K. de onze anos não quis falar sobre a violência que havia sofrido, mas disse que é algo que dói muito pra quem sofre. Então me dirigi a D. de 10 anos: – Você já sofreu ou praticou violência na escola ou fora dela? D.: – Em casa, meu irmão me xinga muito e me bate, ele diz que sou gordo, baleia, balofo e isso me magoa bastante, já conversei com ele, mas ele não para. Perguntei se ele sabe o que vem a ser bullying. D.: – Bullying pra mim é preconceito e prazer em humilhar o outro, já violência pode ser de várias formas é preciso conversar sobre esses assuntos para que todos se conscientizem e passem a se respeitar.*

A partir dos desenhos e escritas podemos observar que os alunos envolvidos são vítimas de *bullying* e agressões físicas. Contudo, tanto vítimas como agressores demonstraram maior disposição para dialogar com a família e denunciar à gestão escolar as situações de agressão.

As falas e relatos revelam que os estudantes compreendem o que é o bullying e identificam situações que envolve tais violências e agressões sofridas tanto no ambiente familiar quanto no escolar, causando sofrimento e a necessidade do diálogo para evitar, combater, prevenir às práticas de violência.

## 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho podemos observar que a violência se manifesta de diversas formas, diferentes tempos e contextos. Crianças, jovens e adolescentes, professores e alunos são afetados por atos e práticas de violência na rotina diária escolar, no espaço e convivência familiar, na condição de agredidos e agressores, vítimas e autores.

Nesse cenário, é preciso que secretarias, gestão, professores e alunos, todos envolvidos com a educação e ensino, se comprometam com a escola, e que garantam os direitos previstos – uma educação de qualidade, segurança e ambiente adequado, para desenvolvimento físico, cognitivo-intelectual, afetivo-emocional e social. Do outro lado, também é necessário que os profissionais de ensino, professores, funcionários técnico-administrativos, secretários, zeladores, porteiros, segurança, também tenham seus direitos assegurados no ambiente de trabalho, a escola. Não podemos negligenciar, o papel das secretarias de educação municipal, estadual e governo federal de se responsabilizem eticamente com as políticas públicas, programas e projetos socioeducacionais, considerando a vulnerabilidade socioeconômica, as desigualdades sociais, a diversidade cultural, os problemas regionais e locais, tendo em vista que essas questões e preocupações impactam no cotidiano escolar, nas comunidades onde estão localizadas as escolas, enfim, na sociedade baiana-brasileira, e expõe alunos e professores às situações de violência.

A Escola Municipal Nairim, onde realizamos a pesquisa convive direta e indiretamente com a violência escolar – psicológica, simbólica/institucional, verbal. Todavia, é possível notar mudanças nos projetos pedagógicos e programas de ensino de ensino-aprendizagem. Dentre essas parcerias, podemos identificar o trabalho preventivo de combate às drogas e violência escolar, realizado pela gestão escolar em colaboração com a Polícia Militar, através do Programa Educacional de Resistência às Drogas e à Violência - Proerd, contribuindo para uma melhor convivência com a comunidade e a escola. A parceria governo-Polícia Militar/BA-Escola, busca de informar e alertar crianças, jovens e adolescentes sobre o uso de drogas e prevenção à violência escolar. Importante destacar, a necessidade do diálogo entre as instituições, as medidas e estratégias adotadas precisam ser discutidas com a comunidade, não podem ser decisões unilaterais.

No contexto de sala de aula, partindo de vivências-experiências pessoais-

escolares-acadêmicas, o trabalho desenvolvido pela professora K busca promover uma educação e formação antiviolença, antibullying e antirracista. Para lidar com possíveis tensões e conflitos interpessoais existentes em sala de aula, a professora procura adotar o diálogo, a liberdade e afetividade como ferramentas didático-pedagógicas. As aulas são precedidas de diálogo sobre os diversos temas já ditos – “*bullying, confiança, solidariedade, escolhas, respeito, paciência, decepções, sonhos, futuro, reconhecimento, amor-próprio, conquistas, eu e o outro*”. Esses momentos criam um ambiente de acolhimento, de pertencimento, de saberes e conhecimentos, sem desconsiderar os desafios da alfabetização e letramento, do processo de ensino e aprendizagem e da formação crítica, reflexiva e participativa.

Observamos que a professora K valoriza os alunos como sujeitos sociocultural, e como tal assumem um papel dinâmico e ativo na sua própria formação no dia a dia na escola, na relação com os outros e com o mundo de forma crítica, criativa e ética. Constatamos que os estudantes apresentavam conhecimento e maturidade em relação a temática estudada – violência e *bullying*. As suas falas demonstram certa compreensão dos sinais e sintomas dos alunos alvos de *bullying*, bem como, a importância do diálogo, da escuta (ou a falta dela) no ambiente familiar. Pensamos que a recepção, o conhecimento, a recepção que os alunos demonstram sobre as emoções e sentimentos – alegria, tristeza, raiva, medo, coragem, curiosidade, orgulho e ciúme –, violência e *bullying* está relacionado ao projeto/programa de ensino desenvolvido pela professora K.

A violência psicológica desencadeia uma série de consequências na vida do discente, reverberando em seu desenvolvimento e causando nas crianças e adolescentes danos irreparáveis, carregados até sua vida adulta. De acordo com Gagné *et al.* (2010) os impactos dessa violência provocam dificuldades na convivência social e pessoal, uma vez que tais atos provocam medo, dor emocional, angústia e apatia. Entretanto, essa violência vai muito além por se tratar e envolver questões de saúde pública.

De acordo com Faleiros e Faleiros (2008, p. 37) "a violência psicológica situa-se no conceito geral de violência como uso ilegítimo da autoridade decorrente de uma relação de poder. Assim, no lugar de oferecer a proteção, que é o seu dever, o adulto se relaciona com a criança por meio da agressão verbal ou psicológica e do domínio, substituindo e invertendo o papel que dele se espera".

O ambiente escolar precisa ser acolhedor, humanitário, saudável, dialógico, prazeroso e divertido. Reconhecemos as dificuldades e desafios enfrentados pelos

educadores no enfrentamento da violência escolar. Por essa razão, devemos ouvir e respeitar o docente, mas, sobretudo, precisamos escutar e respeitar as crianças como cidadãos de direitos e pessoas em formação e desenvolvimento.

Por fim, o estudo etnográfico propiciou uma investigação a partir de um olhar minucioso sobre o processo de ensino e aprendizagem, sobre o processo de formação, de forma que foi possível registrar e compreender situações do cotidiano de sala de aula, no chão da escola, a violência escolar e simbólica no contexto escolar. Nesse contexto, entendemos que é urgente essa discussão nos cursos de formação inicial e permanente/continuada, graduandas e graduandos do curso de Pedagogia, nas licenciaturas. Consideramos ser necessário continuarmos o debate, a discussão e reflexão, uma vez que ainda há muito o que se investigar, pesquisar, estudar.


## REFERÊNCIAS

- ATAÍDES, Fernanda Barros; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de.; SILVA, Anair Araújo de Freitas. **A etnografia**: uma perspectiva metodológica de investigação. Cadernos da Fucamp, v.20, n.48, p.133-147/2021.
- AZEVEDO, Maria Amélia.; GUERRA, Viviane Nogueira de Azevedo. **Crianças vitimizadas**: a síndrome do pequeno poder. São Paulo: Lulu, 1989.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Promulgada em 5 de outubro de 1988. 4. Ed. São Paulo: Saraiva, 1990.
- BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. 1990. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l8069.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm). Acesso em: 12 out. 2024.
- BRASIL. **Lei nº 12.796**, de 4 de abril de 2013. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para dispor sobre a formação dos profissionais da educação e dar outras providências. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ato2011-2014/2013/lei/l12796.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2011-2014/2013/lei/l12796.htm) . Acesso em: 12 jan. 2024.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.
- CASARIN, Tonia. **Tenho mais monstros na barriga**. Rio de Janeiro: Tonia de Sousa Casarin, 2017.
- CASTRO, Marta de Lima; CUNHA, Sergio Souza da; SOUZA, Delma P. Oliveira de. **Comportamento de violência e fatores associados entre estudantes de Barra do Garças** - MT. Rev. Saúde Pública, São Paulo, v. 45, n. 6, p. 1054-1061, Dec. 2011
- CHARLOT, Bernard. **A violência na escola**: como os sociólogos franceses abordam essa questão. Sociologias, n. 8, p. 432-443, 2002.
- CRUZ, Giseli Barreto. **A prática docente no contexto da sala de aula frente às reformas curriculares**. Educar em revista, (29), 191-205, 2007.
- DAYRELL, Juarez Tarcísio. **Primeiros olhares sobre a escola**. In: DAYRELL, J. (org.): A Escola como Espaço Sócio-Cultural. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1996.
- FALEIROS, Eva Silveira.; FALEIROS, Vicente de Paula. **Escola que protege**: enfrentamento a violência contra crianças e adolescentes. Brasília: 2008.
- FONSECA, Vitor. **Importância das emoções na aprendizagem**: uma abordagem neuropsicopedagógica. Revista Psicopedagogia 2016; 33(102): 365-84.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 47. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- FREIRE, Paulo. **Professora Sim, Tia Não** – cartas a quem ousa ensinar. 4. ed. São Paulo: Olho d'Água, 1994.



## ANEXOS

## ANEXO A - CARTA DE APRESENTAÇÃO A UNIDADE ESCOLAR



Universidade do Estado da Bahia- UNEB  
Reconhecida pela Portaria ministerial nº 909 de 31/07/95  
Departamento de Educação - DEDC  
Colegiado de Pedagogia  
Campus II - Alagoinhas

---

### CARTA DE APRESENTAÇÃO

Alagoinhas, 15 de abril de 2024


Prezado (a) Gestor (a)

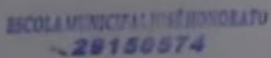
O Colegiado do Curso de Pedagogia do Departamento de Educação do Campus II – Alagoinhas, da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, vem solicitar a cooperação da instituição **Escola Municipal José Honorato** e da Gestora **Ivania Graziela Carvalho de Jesus** no sentido de receber a aluna **Mirian Oliveira Santana**, CPF: 53881869549, matrícula 501910016, matriculada no Curso de Pedagogia, para o desenvolvimento das etapas de pesquisa intitulada: **Prática docente: Uma reflexão crítica sobre a violência psicológica no fazer pedagógico**, que tem como objetivo geral compreender e refletir sobre o objeto de pesquisa em questão.

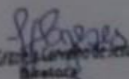
Vimos através desta solicitar sua autorização para execução e coleta de dados em sua instituição e utilizar o conteúdo disponível no trabalho de pesquisa da referida estudante (TCC).

Queremos informar que o caráter ético desta pesquisa assegura sigilo das informações coletadas. Esperando contar com a colaboração desta Instituição, agradecemos antecipadamente.

Atenciosamente,

  
**Lucia Alvares Pedreira**  
Coordenadora do Colegiado do Curso de Pedagogia-DEDCII  
Matrícula nº 743370700

  
ESCOLA MUNICIPAL JOSÉ HONORATO  
28150574

  
Ivania Graziela Carvalho de Jesus  
Bibliotecária  
Aut. 48870071  
17/04/24

**ANEXO B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO****TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE).**

Prezado,

Você está sendo convidado a participar, como voluntário, de uma pesquisa conduzida pela estudante Mirian Oliveira Santana, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). O objetivo da pesquisa é contribuir para o desenvolvimento do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) sobre a violência no contexto escolar nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Para formalizar sua participação, solicito sua autorização para utilizar os registros, conteúdo das observações, das atividades realizadas em sala e das entrevistas, assim como as imagens produzidas no período da pesquisa, para fins acadêmicos, especificamente para a produção e escrita do TCC mencionado.

**CONSENTIMENTO**

Eu, \_\_\_\_\_ e  
\_\_\_\_\_, (professora regente e diretora) acredito ter sido suficientemente informado e concordo em participar como voluntário da pesquisa descrita acima.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2024

Local/data

\_\_\_\_\_  
Participante

\_\_\_\_\_  
Pesquisadora